

REVISTA MENSAL
ANO 102 R\$ 2,50

Ave

JULHO 2000

MARIA



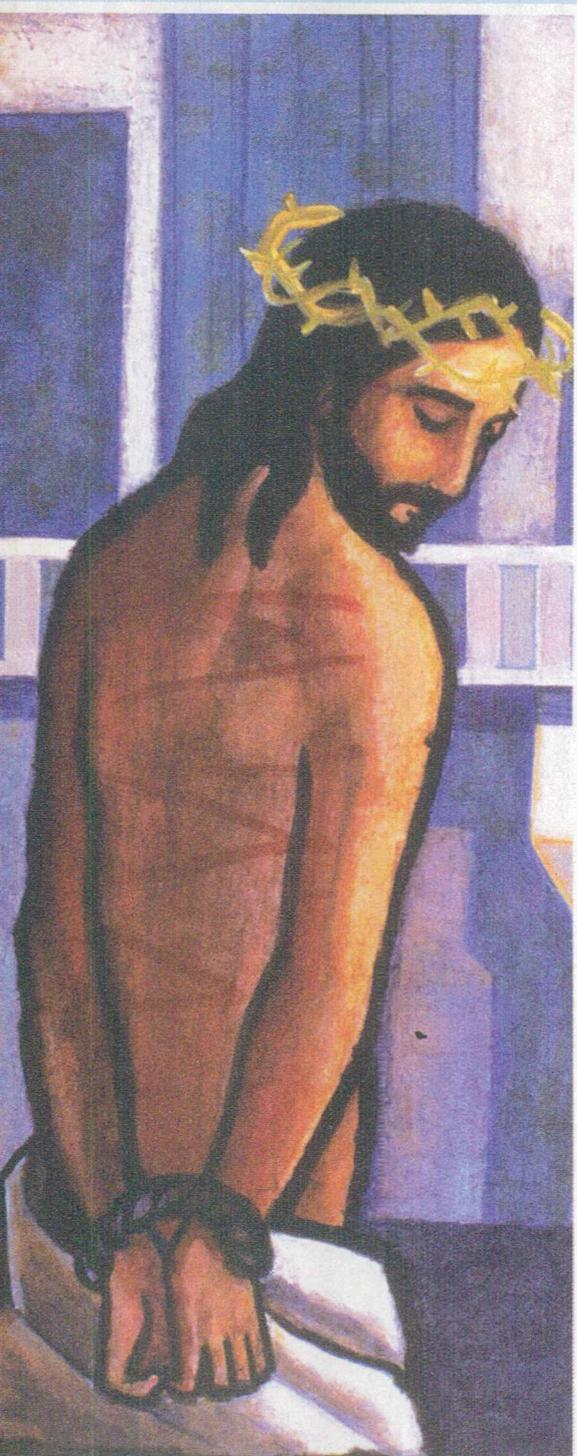
Globalização da solidariedade

Dignidade
humana e paz

Crescimento
da violência

Socialismo
e democracia

Mulheres queimadas



Pátria Grande sem dívida

O ano 2000 é também para o mundo cristão o ano do Grande Jubileu da Encarnação de Deus em nossa história. Ele meteu-se em nossas dívidas para nos ensinar — como diria Paulo depois — a “termos somente a dívida do amor mútuo” (Rm 13, 8).

O único modo realmente cristão de celebrar esse Jubileu - sem exibicionismos e superfluidades, como advertia o cardeal Martini, de Milão — é fazer do mesmo o que o Jubileu bíblico originariamente exige: restituir aos pobres a terra, a liberdade, as condições dignas de vida.

Infelizmente, os ideólogos e os cobradores da Dívida Externa, mesmo se considerando muitos deles cristãos, não o são até o ponto de quererem levar sua fé às exigências da justiça e da solidariedade. Dificilmente aceitarão que cobrar essa Dívida seja pecado “mortal; porque mata de verdade. Para nós, é. O verdadeiro Deus de Jesus, o verdadeiro Deus de Abraão, Deus, enfim, nunca tem podido pedir — mesmo que assim o creiam os fundamentalistas e os idólatras — o sacrifício de nenhum Isaac. É o Molok de ontem e o Molok de hoje quem pede estes sacrifícios.

Evidentemente, não era para termos esperado o ano 2000 — como se fosse necessária a desculpa de uma celebração jubilar — para denunciar a iniquidade da Dívida Externa e para organizar uma campanha mundial de consciência e de solidariedade contra a mesma. Se antes dormimos demais, pecando gravemente de omissão como pessoas, como instituições também, como Igreja no caso, pelo menos agora, “ouvindo a voz do Senhor”, no dizer do Salmo 94, “não endureçamos nossos corações”.

Tudo o mais que se faça por ocasião do Jubileu, será muito relativamente cristão se não se reivindicar clamorosamente o direito de todos os povos e de todas as pessoas à vida e à dignidade. Denunciar, contestar, rechaçar a Dívida Externa e pagar conseqüentemente as dívidas sociais, será o grande modo legitimamente bíblico de celebrarmos o Jubileu da nossa Libertação.

Ave MARIA

AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria (CGC 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. A revista Ave Maria é de propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Diretor: Cláudio Gregianin

Administração: Luiz Claudemir Botteon

Equipe de redação: Avelino S. de Godoy; Eduardo Russo; Adelino Dias Coelho.

Diagramação: Avelino S. de Godoy; Antônia Portero Simon.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 4º e 5º andares. Tel: (011) 3666-2128 e 3666-2129 - Caixa Postal 1.205 - CEP 01059 - 970 - São Paulo, SP.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria. Estrada Comendador Orlando Grande, 86 Embu, SP - Bairro do Gramado, CEP 06835-300.

A assinatura pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque pagável em São Paulo, Vale Postal ou Valor Declarado em nome da **Revista Ave Maria** — A maioria das cidades é visitada por nossos representantes, que renovam as anuidades a domicílio; nas demais, as renovações de assinaturas são feitas pelo correio.

Assinatura anual: R\$ 20,00.

Ligue grátis: 0800-555-021

Ave Maria na internet:

www.revistavemaria.com.br

Correio eletrônico:

revista@avemaria.com.br

redacao@revistavemaria.com.br

assinaturas@revistavemaria.com.br

AVISO AOS ASSINANTES

Avisamos às senhoras e aos senhores assinantes que, ao serem visitados por cobradoras e cobradores de assinaturas não conhecidos, peçam a credencial fornecida pela *Revista Ave Maria* a todos os seus representantes legais.

COBRADORES e PROMOTORES AUTORIZADOS:

Alexandre Gregianin (RS); Alice Ferreira Reis (SP); Sérgio Pierozan (SP e GO); Benedito Carlos Câmara (SP); Jesus Macedo (SP); Anselmo Pereira Almeida (MG); Benedito Vaz Neto (MG); Edson Nunes de Moraes (MG); Gilmar Diniz Silva (MG); Mauro Donizeti Câmara (SP); Rosa Maria S. Mormandi (SP); José Pereira da Silva (Londrina); Pe. Pedro Jordá; Luiz Paulo Zago, Araçatuba (SP).

EXIJA A DOCUMENTAÇÃO DO SEU COBRADOR.

Lembre-se de que é importante V.Sa. manter sua anuidade em dia. Se V. Sa. tiver dúvida quanto à data do vencimento, ligue a cobrar para a *Revista Ave Maria* (90 ___ 11) 3666-2128 ou 0800-555-021

SERVIÇO BÍBLICO NA INTERNET

Comentários teológico-bíblicos diários sobre as leituras bíblicas das missas na internet:

www.claretianos.com.br/servbib/servbib.htm

EDITORIAL

“Dinheiro tem...”

Dinheiro existe, só que é mal distribuído. Em termos parecidos, o Bird, Banco Mundial, chega a essa conclusão. Se, no mundo, mais de 1 bilhão de pessoas estão na miséria — 30 milhões só no Brasil —, é porque os governos não têm políticas sociais adequadas e eficientes ou porque governos sem autonomia se dobram as exigências do capital estrangeiro. Tais dirigentes jamais reconhecerão que todos os seus governados são seres humanos, filhos de Deus e, portanto, têm direito a viver com dignidade.

Os países pobres sofrem com o garrote da dívida externa. Nesse processo, os cobradores, da maneira como o fazem, atestam sua idolatria da forma mais desumana conhecida na história recente.

Os cristãos do mundo inteiro — 500 milhões (!) — ignoram que o ano jubilar é ano de perdão? Que o ano 2000 de Jesus Cristo tem uma razão muito especial para ser o ano do perdão?

O artigo “Pátria grande sem dívida” (p. 2) de d. Pedro Casaldáliga aponta para o gesto da partilha e do perdão como coerência cristã na celebração do ano jubilar.

Na “Palavra do Papa” (p. 6), João Paulo II também entende que a partilha tem que ser de todos para dissolver os desequilíbrios econômicos e sociais que existem no mundo. Para ele, é necessária a globalização da solidariedade pela anulação da dívida dos países mais pobres.

Na reflexão apresentada pela Campanha da Fraternidade (p. 7), entendemos mais claramente o sentido bíblico do ano jubilar: recriar as condições de vida digna dos filhos e filhas de Deus. Sobrevivência e justiça andam sempre juntas na história bíblica.

Um dos tantos resultados do desequilíbrio econômico na sociedade é a violência. João Batista Libânio, no artigo “Crescimento da violência” (p. 9), vê, na partilha, um bem contagiante de “per si” que erradica a violência.

A riqueza acumulada existente no mundo, embora suficiente para que ninguém morra de fome, não se reparte como as cifras de estatísticas, pois está enclausurada num sistema anti-social e antidemocrático.

No artigo “Socialismo e Democracia” (p. 10), Frei Betto reflete sobre alguns princípios que favorecem um novo sistema capaz de prover os direitos básicos do homem.

Quando a nossa visão do mundo criado por Deus é estreita, perdemos a compreensão da grandeza e misericórdia do Criador e começamos a achar que as coisas (e as pessoas) são nossas criaturas. Acumular e esbanjar passam a ser declinados sem o mínimo sentido de justiça, “as pessoas e os povos, diz o Papa, tornam-se apenas instrumentos e perdem o protagonismo próprio futuro”.

Dinheiro existe... só que o espírito materialista não permite que seja repartido.

A Bíblia, palavra de Deus, adverte: *Ai dos que juntam casa a casa e acrescentam campo a campo, até que não haja mais lugar, e ficam como únicos proprietários da terra* (Is 5,8; Mq 2,2).

P.C.G.

Aniversário do Papa



Brasília, 17/5. Por ocasião do 80º aniversário natalício do papa João Paulo II, foi-lhe enviado um telegrama pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, cujo texto reproduzimos a seguir: “*Sereis minhas testemunhas até os confins do mundo* (At 1,8). Beatíssimo Padre, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) deseja, nesta data natalícia de Vossa Santidade, estreitar ainda mais os laços de comunhão que nos une a todos nós à Igreja-Mãe de Roma, sede da Cátedra de Pedro. Nesta data, a Igreja no Brasil rende graças ao Senhor pelo precioso dom da vida que lhe concedeu e renovou por ocasião dos acidentes que ameaçaram interrompê-la. A vida de Vossa Santidade constitui um especial dom não apenas para sua pessoa, mas ao longo dos anos adquiriu um significado extraordinário para a Igreja e para a humanidade, por meio das missões sucessivas que, providencialmente, foram-lhe confiadas em sua trajetória his-

tórica. Queremos testemunhar que a Igreja e a humanidade se beneficiam amplamente do Magistério de Vossa Santidade. Nessas circunstâncias, nossa prece dirige-se, especialmente, a Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe, a quem Vossa Santidade se entregou inteiramente, com o lema: *Totus Tuus (Todo Teu)*. Aproveitamos a oportunidade para solicitar a Vossa Santidade uma bênção toda especial para a Igreja no Brasil nesses 500 anos de evangelização de nosso país e na celebração do Grande Jubileu. Com filial afeto e gratidão, d. Jayme Henrique Chemello, Presidente e d. Raymundo Damasceno Assis, Secretário-geral”.

Fraternidade

Brasília, 17/5. A CNBB enviou também a seguinte carta aos Presidentes do Conselho de Fraternidade Cristão-Judaica de São Paulo, pe. Bernardino Scheiber, Revdo. Saulo Marques da Silva e dr. Carlos A. Barbouth: “Em nome da CNBB e em meu próprio, agradeço ao Conselho de Fraternidade Cristão-Judaica a visão e o descortino demonstrado por esse Conselho, ao agraciar Sua Santidade João Paulo II com o Prêmio “Fraternidade”, concedido quinquenalmente a personalidades mais destacadas no período pelo devotamento em favor da causa da fraternidade e do ideal do diálogo entre

judeus e cristãos. Concorramos com o Conselho em que, ao longo de toda a sua vida, o papa João Paulo II testemunhou uma identificação total com os ideais promovidos por essa instituição dirigida por Vossas Senhorias. Sua recente peregrinação a Jerusalém e o contato fraterno que ele demonstrou não apenas com as autoridades de Israel mas com o povo judaico foram na realidade o coroamento de toda uma vida coerente com esse relacionamento fraterno cristão-judaico. Manifesto grande satisfação e solidariedade da Presidência da CNBB com esse gesto de reconhecimento e apreço à pessoa do papa João Paulo II. Cordialmente, d. Jayme Henrique Chemello, Presidente.”

Mãe de Juventude

São Leopoldo, RS 24/5. A Comunidade Missionária de Cristo Ressuscitado inaugurou, naquela data, o Centro de Espiritualidade Maria Mãe da Juventude. Localizado na avenida Unisinos, 705, em frente à universidade, em S. Leopoldo, a obra é destinada à formação da juventude. Serão realizadas missas semanais; retiros espirituais; encontros para jovens, casais e namorados; atendimento pessoal; grupos de oração; escola de evangelização;

ações solidárias; e vídeos, entre outras atividades. Informações: Ir. Sônia Montão (Missionárias de Cristo Ressuscitado) Fone: 592-0777.

mcrsl@netu.unisinos.br

Comunicação



Brasília, 18/5. De 23 a 28 de julho, em São Paulo, acontecem o 2º Mutirão Brasileiro de Comunicação e o 1º Encontro de Evangelização e Informática. “Solidariedade na aldeia e no global” será o tema do encontro, dirigido a profissionais e estudantes de Comunicação, agentes de pastoral e movimentos eclesiais. Quer incentivar a troca de experiências que surgem nos movimentos sociais, nas comunidades eclesiais e setores culturais, e promover o debate de idéias e propostas, além de reunir instituições e comunicadores comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa, solidária e participativa. Nove seminários integram a programação do evento, com temas que vão desde a “Comunicação — inclusão e



exclusão social”, passando pela “Educomunicação como um novo espaço de intervenção social” até “Comunicação e ética”, “Comunicação e relações de gênero” e “Religião e mídia”. Maiores informações no seguinte endereço:
www.mutcom2.com.br

Conferência Indígena 2000



Brasília, 18/5. O Conselho Indigenista Missionário (CIMI) apoiou e participou da organização e realização da Marcha e Conferência Indígena 2000. Missionários e missionárias que atuam junto às comunidades indígenas, tiveram papel importante no trabalho de preparação dos representantes dos Povos indígenas que participaram das caravanas pelo Brasil e da Conferência em Coroa Vermelha, Santa Cruz Cabrália, Bahia. Foram momentos de absoluta entrega à causa indígena e de profunda reflexão acerca de uma história que nega a presença de índios e negros

como sujeitos e protagonistas. D. Franco Masserdotti, presidente do CIMI, em mensagem aos missionários e missionárias, afirmou: “Foi uma experiência inesquecível para mim participar da Conferência Indígena e das manifestações populares do dia 22 de abril. Foi muito bonito estar com vocês, compartilhando um pouco de suas preocupações e dificuldades. Fiquei impressionado pelo grande exemplo de amor, dedicação, paciência e capacidade crítica e organizativa que vocês deram em Coroa Vermelha”.

47º Congresso Eucarístico Internacional

São Paulo, 30/6. Na segunda metade do mês de junho, foi realizado em Roma, pela terceira vez, um Congresso Eucarístico Internacional, o 47º. Esse Congresso foi desejado por João Paulo II já em 1994, com a Carta *Tertio Millennio Adveniente*, como coroação do Grande Jubileu 2000.

Entre nós, acontecerá, de 19 a 22 de julho de 2001, em Campinas (SP), o 14º Congresso Eucarístico Nacional. O tema será: “Eucaristia: Fonte da Missão e Vida Solidária” e o lema: “Venham para a ceia do Senhor”.

4. **A IGREJA NO MUNDO**
Notícias
6. **PALAVRA DO PAPA**
Globalização da solidariedade
7. **CAMPANHA DA FRATERNIDADE**
Dignidade humana e paz
Novo milênio sem exclusões
9. **FÉ E CIDADANIA**
Crescimento da violência
J. B. Libânio
10. **Socialismo e Democracia**
Frei Betto
12. **Mulheres queimadas**
José Cristo Rey Garcia-Paredes
13. **Aplausos**
Pe. Zezinho
14. **REFLEXÃO BÍBLICA**
Maria em Santa Teresinha
Espiritualidade e vida
Geraldo Araújo Lima
16. **MARIA, MÃE DA IGREJA**
Antônio Mesquita Galvão
18. **MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR**
Senhora de Chartres
Roque Vicente Beraldi
19. **LÍNGUA DA NOSSA GENTE**
Ymyrapytã: 500 anos!
Elias Leite
20. **FÉ E CIDADANIA**
Um vocabulário para cristãos: positivadrcres
Francisco Gomes de Matos
22. **HISTÓRIA DA IGREJA**
Igreja e Iluminismo
Ronaldo Mazula
24. **SANTOS - TESTEMUNHOS DE VIDA CRISTÃ**
São Camilo de Lellis e Santa Marta
Ronaldo Mazula
26. **MEU LAR, MINHA ALEGRIA**
Pessoas ideais
Wimer Botura Jr.
27. **CULINÁRIA**
Yvonne Barros Oliveira
28. **ALCOOLISMO**
Esposa do alcoólatra
Sônia Manneli
30. **LITURGIA DA PALAVRA**
De 16 de julho a 13 de agosto de 2000
Adelino Dias Coelho
36. **RELENDO A BÍBLIA**
Norma Termignoni
37. **TURMA DA MAÍRA**
Tina Glória



Globalização da solidariedade

Por ocasião da Assembleia Geral do Movimento mundial aos Trabalhadores cristãos, realizada em São Paulo, em 7 de maio, o Santo Padre enviou ao Sr. Laurent Karamé, seu presidente mundial, uma Carta, da qual reproduzimos alguns trechos:

"... O Ano jubilar é particularmente oportuno para refletir sobre novas formas de solidariedade política, econômica e social em todos os níveis da sociedade. A cultura dos trabalhadores, apesar de todos os obstáculos, deve permanecer uma cultura solidária: na quotidianidade da vida de trabalho, nos bairros, entre os jovens. Mais do que nunca, é por vossa caridade e ao vosso sentido de justiça que essa solidariedade se poderá instaurar, consolidar e produzir fruto. O Ano jubilar é também um tempo favorável para analisar os desequilíbrios econômicos e sociais que existem no mundo, no seio de todo o país e nas relações entre as nações, restabelecendo uma justa hierarquia de valores, pondo no primeiro lugar a dignidade do homem e da mulher que trabalham, a sua liberdade, responsabilidade e necessária participação na vida da empresa. O Jubileu é ainda uma ocasião particularmente significativa para refletir sobre os modos de estender a solidariedade às dimensões do mundo, sobretudo com os países pobres, em particular com

aqueles que estão esmagados pelo peso de sua dívida. Se a mundialização da economia e o desenvolvimento das novas tecnologias oferecem reais possibilidades de progresso, ao mesmo tempo multiplicam as situações de desemprego, de marginalização e de extrema precariedade no trabalho, dos quais as primeiras e princi-



pais vítimas são as mulheres que, nalguns países onde reina a economia de subsistência, constituem um dos sustentáculos essenciais dessa economia. A solidariedade e a participação são as garantias morais para que as pessoas e os povos não sejam apenas instrumentos, mas se tornem também protagonistas do próprio futuro. É preciso, por isso, tender para uma "globalização da solidariedade" e uma mundialização sem margina-

lização de pessoas e povos. Um sinal concreto desta solidariedade deve ser dado pela anulação da dívida dos países mais pobres, ou pelo menos uma sua redução significativa, garantindo,

mediante a transparência da sociedade civil, que as reduções das dívidas, os empréstimos e os investimentos autorizados sejam utilizados para o bem comum, e oferecendo ao mesmo tempo ajudas científicas e recursos huma-

nos para acompanhar as transformações na economia local. Essa ajuda permitirá formar humana e tecnicamente pessoas autóctones, para uma verdadeira promoção dos trabalhadores e dos países em vias de desenvolvimento e a fim de que a população destes países cuide da própria economia. Neste âmbito, o vosso movimento, presente em todos os continentes, ofere-

rece uma contribuição particularmente preciosa.

Ao pedir a São José que vos acompanhe nos vossos trabalhos, concedo-vos de todo o coração a Bênção Apostólica que faço extensiva a todos os participantes na vossa Assembleia geral, ao conjunto dos membros do Movimento mundial dos Trabalhadores cristãos e às suas famílias".

João Paulo II

É necessário tender à globalização da solidariedade e à mundialização sem marginalizar pessoas e povos.

Dignidade humana e paz

(Continuação)

Na edição passada, AM 6, O Texto-Base CF-2000 Ecumênica, denunciava o estado permanente de desrespeito aos direitos humanos que se instalou em nosso país, principalmente contra os índios, os negros e as mulheres. Prosseguimos no tema, meditado à luz das Sagradas Escrituras.

O plano de Deus é santificar e salvar as pessoas não singularmente e isoladas entre si, mas constituí-las um povo que o conheça na verdade e santamente o sirva. São povos, são nações indígenas e não apenas "índios" que por meio da Boa Nova ajudamos a salvar da extinção. Um povo morre se sua cultura se perde.

A distribuição da terra de acordo com as necessidades de cada grupo ocupa nove capítulos do *Livro de Josué*. Terra, sobrevivência e justiça andam sempre juntas na história bíblica da revelação. Os profetas dizem que a fidelidade a Deus passa por aí e denunciam a acumulação de bens que empobrece os filhos e filhas do povo do Senhor: *Ai dos que ajuntam casa a casa e reúnem campo a campo, até que não haja mais lugar, e ficam como únicos proprietários da terra* (Is 5,8; Mq 2,2).

O "Ano Santo", o chamado ano

jubilar, do Antigo Testamento, foi celebrado — sempre depois de sete anos sabáticos — de 50 em 50 anos. Santificava-se esse tempo de forma bastante especial: fazendo voltar a seus donos as terras que tinham sido vendidas por proprietários empobrecidos, em dificuldades (cf. Lv 25,8-66). Deus se sentia servido quando cada um tinha seu pedaço de terra e todas as famílias do povo podiam partilhar esse patrimônio que pertencia ao Senhor. A redistribuição das terras e casas era a base da reconcilia-

ram "cultivar e guardar" com "explorar, usar com direito até de destruir". Nossos irmãos indígenas, que vêem a terra como mãe e fonte de vida, podem nos ajudar a compreender melhor as nossas relações com a natureza. O mundo criado por Deus foi feito com sabedoria. Não há obras inúteis. Os seres humanos não podem ser descartáveis. O planeta Terra e todos os seres criados por Deus também têm direito de viver e, para que isso aconteça, somos todos responsáveis pela integridade da criação.



Terra, sobrevivência e justiça andam sempre juntas na história bíblica da revelação. Os profetas dizem que a fidelidade a Deus passa por aí e denunciam a acumulação de bens que empobrece os filhos e filhas do povo do Senhor.

ção com Deus e com a comunidade.

O projeto de felicidade apresentado no Gênesis mostra o casal humano em relação harmoniosa com a terra. A tarefa é cultivar e guardar esse planeta, terra de todos, criatura de Deus. Ao longo dos tempos, muitos desvirtuaram a missão: confundi-

A ESCRAVIDÃO DOS POVOS NEGROS

O desrespeito à dignidade humana dos negros em nossa pátria já foi tema da Campanha da Fraternidade de 1988, cujo lema foi "Ouvi o cla-

mor deste povo". Seu *Texto-base* chamava a atenção para o fato de que, naquela época aproximadamente 43% do conjunto da população brasileira era constituída de negros, ou tinha negros em sua ascendência. Mostrava o Brasil como segundo país do mundo em população de origem negra, superado apenas pela Nigéria (cf. CNBB, Manual da CF-88, *A Fraternidade e o Negro*). Esse enorme segmento da sociedade brasileira é vítima secular de dois tipos de desrespeito à sua dignidade: a pobreza em que vive e a discriminação racial que sofre.

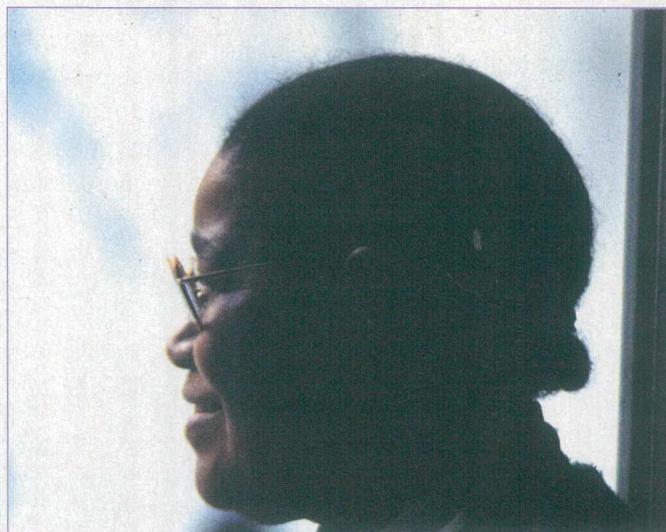
A abolição tardia da escravatura — fomos um dos últimos países do

A abolição tardia da escravatura — um dos últimos países do mundo a abolir a escravidão, quase ao final do século XIX — foi determinante para que se chegasse à condição social vivida hoje pela população de origem negra: ela sofreu um processo de exclusão centenário, nos "comemorados" 500 anos do Brasil.

mundo a abolir a escravidão, quase ao final do século XIX — foi determinante para que se chegasse à condição social vivida hoje pela população de origem negra: ela sofreu um processo de exclusão centenário, nos "comemorados" 500 anos do Brasil. E com a chegada de milhares de imigrantes europeus para trabalhar na agricultura, o negro liberto, geralmente não conseguiu emprego como "homem livre". A pirâmide social coloca homens brancos e mulheres brancas no topo e homens negros e mulheres negras na base, estando a

mulher negra em situação ainda pior.

Segundo a Pesquisa de Padrão de Vida do IBGE (*Folha de S. Paulo*, 26/08/98), que cobriu o período de março de 1996 a março de 1997, o chefe de família branco, com 12 anos ou mais de estudos, recebia um salário médio mensal de R\$ 881. A mulher branca, chefe de família e com pelo menos 12 anos de vida escolar, recebia, em média, R\$ 559 — portanto, 37% a menos do que um homem em iguais condições. O chefe de família negro ou pardo só aparecia em terceiro lugar na escala de remuneração mensal apurada. Esse homem, apesar da mesma capacitação apresentada pelos brancos, recebia por mês



uma média salarial de R\$ 423 — ou seja, menos da metade do chefe de família branco. E a mulher negra ou parda recebia menos ainda, apesar dos mesmos 12 anos de estudos dos demais: R\$ 266 mensais!

Pesquisa de 1994 do Dieese/Seade, na região metropolitana de São Paulo, revelou que 62,7% das mulheres negras não haviam terminado o curso primário. A renda média das mulheres negras era, naquela ocasião, de 1,9 salário mínimo e a dos homens negros de 2,4; a renda das mulheres brancas era de 3,9 salários mínimos e a dos ho-

mens brancos, de 4,2.

Quanto à mortalidade infantil, observam-se as mesmas diferenças: segundo outro estudo do IBGE, com dados de 1996, a taxa de mortalidade entre crianças brasileiras pardas e negras de até 5 anos de idade era então de 76 para cada mil nascidas vivas. Para as brancas, de cada mil que nasciam vivas, 46 morriam antes de completar 5 anos. Ainda quanto à mortalidade infantil, pesquisa feita na Unicamp demonstra que a diferença entre as taxas de mortalidade infantil entre negros e brancos cresceu de 21% em 1980 para 40%, dez anos depois (*Folha de S. Paulo*, 16/11/98).

A escravização imposta ao povo negro, durante séculos, repercute até os dias de hoje em outro tipo de sofrimento: o passado escravista gravou no inconsciente coletivo a falsa convicção da inferioridade do negro, criando-se um preconceito que se manifesta de diferentes formas. E

isto atingiu também os negros: são muitos os que internalizaram um complexo de inferioridade em relação à sua condição e, por isso, não assumem a negritude e têm como padrão ideal a situação do branco. Demorou quase 300 anos para que Zumbi dos Palmares fizesse parte da História do Brasil. Não como negro "fujão", que liderou outros escravos "fujões" e por isso foi morto, mas como herói nacional, que lutou pela dignidade humana e pela liberdade.

(Continua no próximo número.)





Crescimento da violência

J. B. Libânio

A violência é fenômeno social provocado por muitas causas. Deixa-nos perplexos semelhantemente ao médico diante de um paciente, cuja enfermidade é causada por uma multiplicidade de fatores. Melhora um sintoma, mas outro continua alimentando a doença. Pior ainda quando as causas se comportam de maneira circular. Uma alimenta a outra que, por sua vez, é alimentada pela anterior.

A raiz última da violência está na nossa condição humana que pode potencializar nossos instintos agressivos com a estratégia da razão. Por isso, ela supera a de qualquer animal, por mais feroz que seja. É uma força mais bruta que os "brutos". E que não se resolve com o exercício da brutalidade coercitiva.

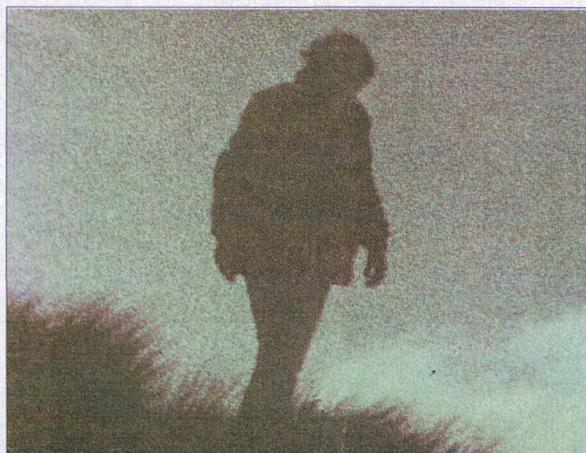
Esta é a grande ilusão da sociedade moderna. Imagina-se que, ao aperfeiçoarem-se os aparelhos repressivos, a violência será desestimulada e debelada. Infelizmente assiste-se ao contrário. Sofistica-se sempre mais para fazer frente à inteligência do sistema policial.

Jesus, no albor de nossa era, anunciara a bem-aventurança de tudo o que se opõe à violência: a dos mansos, dos misericordiosos, dos que promovem a paz, dos perseguidos (cf. Mt 5,3-10). No nosso século, Ghandi, nas peçadas do espírito evangélico, defendeu a não-vio-

lência. É o único caminho que tem futuro. Mas como se pode fazer viver as bem-aventuranças?

Evidentemente, não pela imposição, pela violência, porque seria pura contradição. Os antigos diziam que o bem é difusivo de si, é contagiante. Contágio precisa de pontos de difusão. Cada iniciativa de superação por dentro da violência transforma-se num foco de irradiação.

As religiões, se um tempo foram vergonhosa contradição com sua



fonte última, motivo de guerra, de intransigência, de violência, hoje são chamadas a refazer seus caminhos e encontrar sua inspiração primigênia. É verdade que filósofos ateus até os dias de hoje tentam mostrar que as religiões monoteístas são, por natureza, intransigentes e favoras da violência.

A afirmação do único Deus verdadeiro e da falsidade de todos os outros realmente pode gerar terrível intolerância. É o perigo de parar no

dado puro do "mono-teísmo", sem se perguntar quem é este único Deus verdadeiro. O fato, por assim dizer, abstrato, de um único Deus tem em si um germe de dureza. E o Antigo Testamento não conseguiu superá-lo sempre, não por causa da revelação, mas por causa de ater-se nacionalisticamente a esse único Deus.

Uma leitura profunda e situada já do Primeiro Testamento mostra-nos um caminhar para uma figura cada vez mais terna e amorosa de Deus. E tal revelação chega na pregação de Jesus ao seu ponto máximo, sobretudo na figura do Pai misericordioso da parábola do filho pródigo.

O cristianismo quando bebe em suas águas primeiras cristalinas transparece misericórdia, perdão, acolhida, não-violência. Um azedume violento apegou-se-lhe por contingências históricas de que hoje é bem consciente.

O maior antídoto da não-violência é a figura de Deus que Jesus nos anuncia e que ele vivencia em sua vida. Preferiu sofrer a violência a praticá-la. A imagem de Deus, ao tocar-nos as raízes obscuras, pode sanar-nos e fazer de nós anunciadores de uma convivência humana de paz, de solidariedade, de amizade.



J.B. Libânio é professor e diretor da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (CES), Belo Horizonte, MG.

Socialismo e Democracia

Frei Betto

Leandro Konder, filósofo e romancista, pronunciou, recentemente, interessante palestra sobre "Socialismo e Indivíduo", no seminário promovido pelo Instituto Cidadania e a Fundação Perseu Abramo, visando resgatar o Socialismo como alternativa social.

Como sistema capaz de prover os direitos básicos do cidadão, o Capitalismo fracassou na maioria dos países do mundo. Basta lembrar que 80% da produção industrial do planeta são absorvidos por 20% da população mundial. Apenas três empresários norte-americanos possuem fortuna pessoal superior ao PIB de 48 nações com 600 milhões de habitantes (ONU/99).

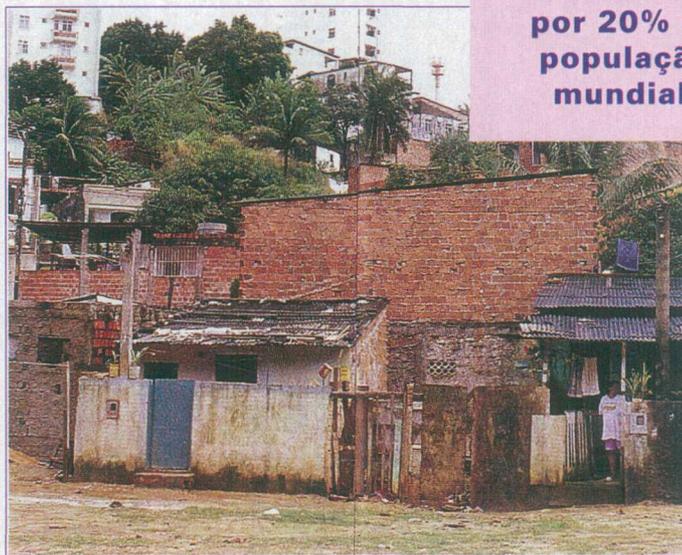
O caso do Brasil é, infelizmente, exemplar. Aqui, o Capitalismo deu certo para menos de 20% da população. No limiar do Terceiro Milênio, nosso país ainda não logrou implementar reformas que ocuparam a pauta européia há dois ou três séculos, como a reforma agrária, a distribuição de renda, a seguridade social e o fim do analfabetismo. Convivemos com estruturas arcaicas, trabalho escravo, e 2,8 milhões de crianças, entre 10 e 14 anos, fora da escola e dentro do mercado de trabalho por força da subsistência familiar (IBGE/00).

Debatedor na mesa presidida por Maria Victória Benevides, sugeri não nos prendermos à camisa-de-força do Iluminismo. Devemos-nos apoiar em novos paradigmas. Ao conceito de indivíduo, prefiro o de pessoa, segundo a ótica holística: cada ser humano é um nó de relações — com os outros, a natureza e Deus.

Leandro Konder, aliás, sublinhou a proposta de um "socialismo personalizante", onde o vínculo entre o indivíduo e o uni-

a história da Igreja não se resume à Inquisição. Se somos cristãos, é porque o evangelho de Jesus encerra determinados valores, como a natureza sagrada de toda pessoa, que servem inclusive de juízo condenatório ao que representou a Inquisição.

Basta lembrar que 80% da produção industrial do planeta são absorvidos por 20% da população mundial.



versal seja mediatizado pelo comunitário, fazendo eco ao pensamento de Emmanuel Mounier e, mais recentemente, ao filósofo brasileiro Manfredo de Oliveira.

Repensar o Socialismo supõe não identificá-lo com o regime derrubado pelo Muro de Berlim, assim como

Do mesmo modo, a história das sociedades solidárias, fundadas na partilha dos bens, deita raízes nos primórdios da humanidade. Leandro Konder recordou a *pólis* grega, as tribos hebraicas e o cristianismo primitivo. Acrescentei os povos indígenas, as redes de economia solidária, como as cooperativas, os mutirões populares, as Comunidades Eclesiais de Base e os 1.500 assentamentos organizados pelo MST em todo o país.

Uma proposta alternativa de sociedade deve partir de práticas concretas, nas quais economia e política se coadunam. Uma das razões da atual crise brasileira é a esquizofrenia neoliberal que divorcia a economia da política. O governo FHC fala em política democrática e adota uma economia centralizada, autoritária.



Brasília traça a pauta política e Washington (FMI) a econômica.

É o contrário do período ditatorial, quando tínhamos uma economia voltada aos interesses nacionais, a ponto de produzir o "milagre brasileiro", com espantoso crescimento anual (malgrado a marginalização de amplos setores da população e o endividamento externo), e uma política regida por atos institucionais acolitados pelo pau-de-arara e o fuzil.

O pior que pode acontecer à nação, num cenário a curto prazo, é o governo FHC querer resolver a contradição, não pela mudança do modelo econômico, mas pelo acirramento do jogo político, afunilando a via democrática pela exclusão dos movimentos sociais, por força da censura (Andrea Matarazzo), pelo uso da Lei de Segurança Nacional e pela repressão descabida aos que clamam por direitos elementares, como terra, teto, trabalho, saúde e educação.

Fortalecer os movimentos sociais e multiplicar as iniciativas comunitárias de economia solidária, onde todos tenham vez e voz, são as vias para impedir que o Brasil retroceda para o autoritarismo.

Segundo o IBGE, 2/3 de população brasileira, cerca de 111 milhões de pessoas, sobrevivem com renda mensal de, no máximo, dois salários mínimos. E apenas 9,8%, pouco mais de 16 milhões de pessoas, têm renda mensal superior a cinco salários mínimos. A consolidação da democracia depende, agora, da capacidade de se enfrentar a questão prioritária: erradicar as desigualdades sociais. 

Frei Betto é escritor, autor de "A Obra do Artista – Uma Visão Holística do Universo" (Ática), entre outros livros.

CURTAS

O cidadão rico ganha o mesmo que 50 brasileiros pobres e a parcela de 1% dos mais ricos da população detém 13,8% da renda total, enquanto os 50% mais pobres, 13,5%. Mais de 30 milhões de pessoas ganham menos que um salário mínimo — em média, os 40% mais pobres, ou mais de 30 milhões de pessoas, recebem R\$ 125,04, enquanto os 10% mais ricos, ou 7,6 milhões, ganham R\$ 2.477,61, 19 salários mínimos.

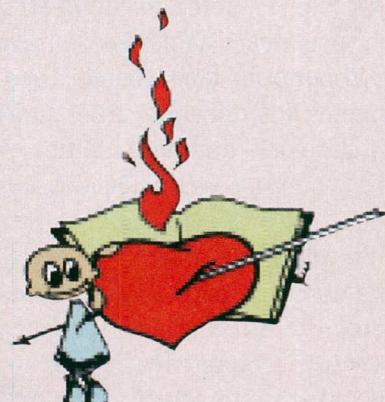
A distribuição de renda muda conforme a cor da pele: nas famílias com chefes brancos, 12,1% vivem com meio salário mínimo *per capita*; e nas chefiadas por negros o número vai para de 24,5% a 30,4%.

O Nordeste tem a maior desigualdade na distribuição de renda do País: os 50% mais pobres detêm 15,4% dos rendimentos, e o 1% mais rico 16,4%. No Sudeste, os 50% mais pobres recebem 14,6% dos rendimentos, enquanto o 1% mais rico recebe 12,6%.

Enquanto outros pequenos Estados nordestinos vegetam na miséria e na fome, em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul, que produzem a maior parte da riqueza nacional, os cidadãos também recebem muito menos do que deveriam.

Síntese de Indicadores Sociais 1999, do IBGE.

VENHA SER AGOSTINIANO OU AGOSTINIANA



JOVEM, O SEU CORAÇÃO ESTÁ INQUIETO?

ENTRE EM CONTATO:

FREIS AGOSTINIANOS

Seminário Santo Agostinho
BRAGANÇA PAULISTA, SP
Caixa Postal 62
CEP 12 914-970
Tel.: (0 __ 11) 7844-1771

IRMÃS AGOSTINIANAS

Secretariado Vocacional
São Paulo, SP
Rua Bagé, 73
CEP 04 012-140
Tel.: (0 __ 11) 571-8959

Mulheres queimadas

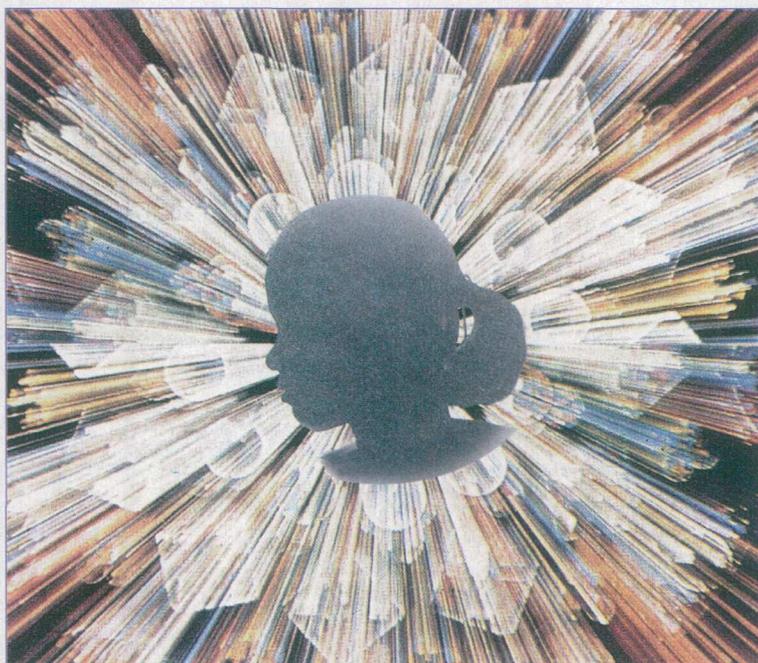
José Cristo Rey García-Paredes

Não me refiro, com este título, à violência doméstica, nem aos acidentes de trabalho. Reporto-me tão somente a seres humanos que deveriam arder, iluminar, clarear, e que, no entanto, vão sendo pouco a pouco sufocados, apagados.

Pergunto-me: para que serviu a carta do papa João Paulo II sobre *A Dignidade da Mulher*? Quem me poderia demonstrar, com fatos concretos, que após aquele escrito, melhorou a posição da mulher na Igreja? Ora um documento sem "realizações práticas" não serve para nada. E a mulher continua marginalizada na Igreja.

Quem, hoje, verdadeiramente toma a sério o tema das mulheres, são os partidos políticos, as empresas e as organizações. O protagonismo feminino é percebido como "um novo aroma", uma "nova cultura". A passagem das mulheres-objeto para as mulheres-sujeito é cada vez mais admirável. Encontramos nesses setores novos valores: livros de mulheres que são *best-sellers*, artistas de enorme profundidade e beleza, mulheres com instinto político e capazes de dirigir nossa sociedade, nossa gente — de diversas posições ideológicas —, mu-

Não é direito justificar a posição de "segundo plano" que as mulheres ocupam na Igreja, como se isso fosse vontade de Jesus Cristo!



lheres executivas capazes de dar às empresas feição nova e futuro, mulheres trabalhadoras — envolvidas com a dignidade do trabalho bem-feito, da relação humana bem-cuidada, da solidariedade sempre encorajadora. Grande parte dessas mulheres são "mães" e "esposas". Têm, todavia a capacidade de conciliar tudo. Nem por isso, a sociedade lhes facilita as

coisas. Mas elas lutam, consomem-se, rompem novos caminhos. Oxalá, algum dia, seu grande esforço seja reconhecido!

Não é direito justificar a posição de "segundo plano" que as mulheres ocupam na Igreja, como se isso fosse vontade de Jesus Cristo. Esse recurso teológico, tão freqüente, quando se aborda a questão, não é digno do evangelho. Muitas coisas

foram organizadas na Igreja — ao longo dos séculos —, que não dependeram diretamente de Jesus. Ele não disse que os secretários das conferências episcopais tinham de ser bispos; nem que as cúrias teriam de ser divididas em comissões e secretariados, dirigidos por homens e sacerdotes; nem que os diáconos deveriam ser do sexo masculino; nem que seria preferível que os professores de Teologia, nas universidades católicas,

fossem sacerdotes. Jesus não mandou que os documentos da Igreja tivessem de ser escritos por teólogos, nem que haveria alguma inconveniência se um bispo entregasse a mulheres a preparação de seus cursos ou as encarregasse de redigir uma de suas cartas pastorais...

Estamos perdendo muitas oportunidades. Fui professor de Teologia. Centenas de moças, pertencentes à



vida religiosa ou leigas, assistiam às aulas. Pude, então, comprovar sua capacidade intelectual, seus dons, seus carismas. Cheguei a sonhar que muitas delas poderiam, um dia, ser “mulheres influentes” dentro da Igreja. Passaram-se os anos. Sei que não lhes faltou trabalho. Mas, estiveram onde Deus as queria? Seus carismas foram aproveitados onde teriam sido mais necessários?

Parece ter havido uma política de ocultamento, um complô para só permanecerem em instituições muito particulares e sem expressão eclesial. Quem tinha dons para queimar, pouco a pouco foi definindo. Talvez as tenhamos sobrecarregado de trabalho, e, resignadas, ofereceram a Deus situações que nunca buscaram.

Perguntamo-nos, hoje, a que se deve a falta de vocações femininas. No fundo da questão, está a missão. Faltam vocações — e sobretudo femininas — porque a Igreja não quer abrir suas portas a um novo modelo de missão, da qual as mulheres participassem de forma séria, imaginativa e inovadora.

Repito que, em lugar de brilhar e arderem, os carismas femininos, nós os queimamos. Ninguém protesta contra esse “aborto” de tantas vidas, inteligências, talentos e tino administrativo.

É urgente investir dinheiro, recursos, imaginação, e oferecer às nossas irmãs igualdade de oportunidades. Estamos em tempo de re-fundação. Deixemos arder o fogo. Não tenhamos medo do incêndio!



José Cristo Rey García Paredes é teólogo e missionário claretiano em Madrid, Espanha.

Aplausos

Pe. Zezinho

É bonito aplaudir e é bom ser aplaudido. Mas erram os que aplaudem qualquer comportamento e também os que buscam aplausos a qualquer preço. Chega o dia em que o aplaudido, aqui, acolá, recebe uma desaprovação ou apenas umas poucas palmas. Chega o dia em que é preciso não aplaudir ou aplaudir bem pouco, porque é mentiroso aquele que aplaude tudo. E está fora da realidade aquele que acha que merece aplauso permanente. Todo o artista pode e deve melhorar. Todo artista tem seu dia de desempenho razoável ou ruim, assim no palco, assim na vida.

Há pessoas que vivem do aplauso. Precisam dele para sobreviver. É do aplauso que ganham o suficiente para se manter vivos, porque atrás do aplauso vem o dinheiro. É o caso dos artistas, cantores, saltimbancos e todos aqueles que dependem da popularidade para poder ser convidados e conseguir trabalho. Eles buscam o aplauso, porque sem o aplauso não comem. Há os que não precisariam do aplauso para viver, porque já têm meios de subsistência, mas precisam desesperadamente da fama e dos holofotes. Fazem de tudo para serem vistos e ouvidos e para que o público não os esqueça.

Alguns são economistas, outros são políticos, ou um simples beijeiro que precisa aparecer onde estão as câmeras, e onde a multidão se acotovela.

Não há ser humano que não queira ser aplaudido, mas existem muitos que nunca receberam um aplauso, nunca ninguém falou seu nome diante da multidão e nunca chamou a multidão os ovacionou. São os anônimos mais anônimos da vida.

Há, porém, um aplauso que faz bem e que é o único que conta, o aplauso de Deus. Deus aplaude a todo aquele que fez-o-bem-e-fez-bem. Desse, diz Jesus que um dia es-



tará entre os que ele convocará dizendo: *Vinde benditos de meu Pai*. É como se Jesus dissesse: — Parabéns, meus aplausos a vocês, porque eu tive fome e me deram de comer, tive sede e me deram de beber, estava nu e me deram de vestir. Espantados com os aplausos dos céus, ainda perguntarão: — Quando é que fizemos tudo isso para merecermos tamanho aplauso? — E Jesus dirá: — Quando vocês amaram e serviram os seus irmãos.

Pensando bem, aplaudem-se as pessoas por tantas bobagens, porque não aplaudiram-nas pela caridade que fazem? Se os que dançam canções eróticas, são delirantemente aplaudidos, porque não aplaudir os que dão um prato de sopa ao irmão que está com fome? Nossos valores andam muito invertidos. Muita gente costuma ganhar grandes manchetes, enquanto que os verdadeiramente humanos, nem sequer ocupam a última página dos jornais. O mundo anda aplaudindo de maneira errada as pessoas erradas. É pena.

Mas os não-aplaudidos que não se incomodem: receberão o aplauso de Deus. Para quem crê nele é altamente reconfortante.



Pe. Zezinho é escritor, compositor, cantor e conferencista.

Maria em Santa Teresinha

Espiritualidade e vida

Geraldo Araújo Lima

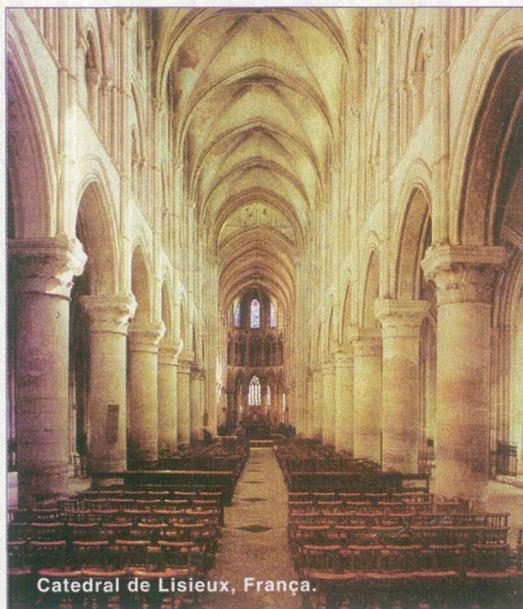
Presença mariana

Como era de se esperar, Nossa Senhora fazia parte integrante do lar genuinamente católico de Zélia e Luís Martin, pais de Santa Teresinha do Menino Jesus. De resto, o mesmo acontecia com as demais famílias católicas daquela França do século XIX, marcada pelas famosas aparições de Maria: em Paris (Medalha Milagrosa, 1830), em La Salette (1846) e em Lourdes (1858). A própria Zélia, mãe de nossa santa, passou três longos e dolorosos dias em Lourdes, esperando ser curada de um tumor maligno. Porém, o milagre não aconteceu, vindo ela a falecer dois meses depois.

A devoção de Teresinha a Maria no seio da família, enquadrou-se bem na moldura das tradições seculares do Catolicismo: — *Minha ocupação maior era tecer coroas de margaridas e miosótis para a Santa Virgem, no belo mês de maio, quando a natureza se renova de flores e respirava alegria.*

Se Maria não curou a mãe, curou no entanto a filha. Efetivamente, aos 10 anos de idade, Teresinha foi acometida por uma estranha doença, que a colocou às portas da morte. Quando toda a família estava empenhada numa novena a Nossa Senhora das Vitórias, Teresinha, no auge da ego-

“Ó Maria, se eu fosse a rainha do céu e tu fosses Teresinha, eu procuraria ser Teresinha para que tu fosses a rainha do céu!”



Catedral de Lisieux, França.

nia, voltou-se para a imagem dela... a qual lhe sorriu de uma maneira inefável. A menina sentiu que estava completamente curada e conservou por toda a vida a vívida lembrança daquele "estupendo sorriso"!

Um ano depois, Teresinha fazia a sua primeira comunhão com todo o



fervor. Na tarde daquele mesmo dia (8-5-1884), foi escolhida para profetizar, em nome das colegas, a fórmula da consagração a Nossa Senhora. Ela própria comenta o fato: — *Era justo que eu falasse, em nome de minhas companheiras, à minha Mãe do céu, eu que havia sido privada de minha mãe terrena quando tinha apenas quatro anos e meio. Coloquei todo o coração no falar-lhe, no consagrar-me a ela, como uma criança que se joga nos braços da mãe, e pedi-lhe que velasse por mim. Parece-me que a Santa Virgem acolheu o meu pedido!*

Algum tempo depois, Teresinha, à semelhança de suas quatro irmãs, ingressou na Pia União das Filhas de Maria, na abadia beneditina onde estudava.

Na véspera de partir para Roma, a fim de pedir ao papa Leão XIII permissão para entrar no Carmelo com apenas 15 anos de idade, Teresinha foi à Igreja de Nossa Senhora das Vitórias suplicar que Maria a amparasse sob o seu manto virginal. Àquela altura, o Carmelo já despontava como o lugar ideal onde encontrar o manto da Virgem e nele engajar-se. E foi exatamente numa festa mariana, no dia da festa da natividade de Maria (8-9-1890), que Teresinha fez os seus primeiros votos religiosos. No Car-

melo, essa presença mariana foi cada vez mais forte e madura.

Amadurecimento de uma devoção

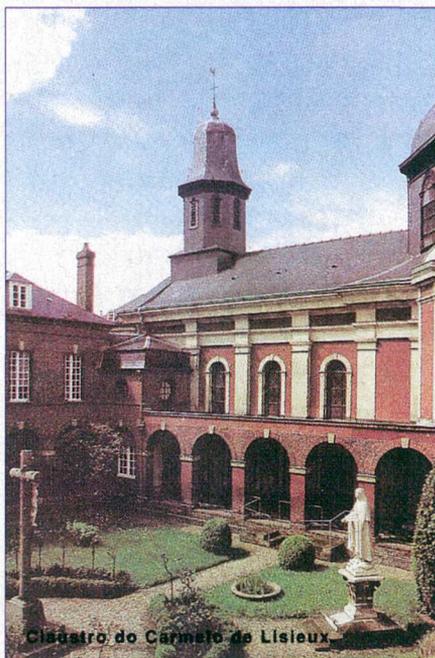
"Dando-nos Teresinha de Lisieux, Deus quis dar ao mundo uma precursora do Vaticano II". Esta frase de André Combes é correta, sobretudo no tocante ao amadurecimento da devoção a Maria, mãe de Jesus. Com efeito, "o Concílio exorta calorosamente os teólogos e os pregadores da palavra divina a que se abstenham, com todo o cuidado, de qualquer falso exagero, como também de uma excessiva estreiteza de mente, ao considerar a singular dignidade da mãe de Deus... Por sua vez, os fiéis se recordem de que a verdadeira devoção a Maria não consiste em um estéril e passageiro sentimento, nem em uma vã credulidade, mas antes procede da verdadeira fé... que nos leva a um amor filial para com a nossa mãe e à imitação das suas virtudes" (*Lumen Gentium* VIII, 67).

Como norma de trabalho, o documento conciliar recomenda que se tome a pessoa de Maria como está nos evangelhos. Foi o que fez e ensinou Santa Teresinha, 65 anos antes do Concílio. Foi buscar Maria diretamente no evangelho, onde encontrou uma maneira polida de "demitizar" uma piedade marcada ainda pelo Jansenismo: — *Não é preciso dizer coisas inverossímeis ou que não se sabem sobre Maria, como, por exemplo, que ela, bem pequenina, com apenas três anos de idade, foi ao Templo se oferecer a Deus com sentimentos de amor inteiramente extraordinários, enquanto ela podia ter ido simplesmente para obedecer aos pais.*

Passando em resenha os muitos sermões marianos que havia escutado ao longo de sua curta vida,

Teresinha comenta: — *Para que um sermão sobre a Santa Virgem me agrade e me faça bem, é necessário que me faça ver a sua vida real, não sua vida suposta. Em vez de mostrá-la inimitável, convém ressaltar suas virtudes, mostrar que ela vivia de fé como nós, como disse nos dá provas o Evangelho, onde vemos que 'eles (José e Maria) não compreenderam o que o Filho lhes dizia' (cf. Lc 2,50).*

Teresinha jamais perdeu de vista que Maria é, sobretudo, nossa mãe. Com a mesma naturalidade



com que se dirigia a Deus como Pai, ela se dirigia também a Maria como mãe: — *Sabemos muito bem que a Santa Virgem é a rainha do céu e da terra; porém, ela é mais mãe que rainha!* Uma criança não tem cerimônias para com a mãe; a sua presença não a constrange nem inibe. Eis por que Teresinha não se acanha de abordar até certos assuntos delicados: — *A recitação do rosário (tenho vergonha de confessá-lo) me custa mais do que impor-me um instrumento de penitência. Sinto que o*

rezo tão mal! Faço todo o empenho para meditar os mistérios do rosário, mas não consigo fixar o meu espírito. Por muito tempo me afligi por esta falta de devoção que me causava admiração, porque amo tanto a Santa Virgem que deveria ser-me fácil recitar em sua honra as orações que lhe agradam. Hoje já não me aflijo tanto: considero que a rainha do céu é minha mãe; ela vê bem a minha boa vontade e se contenta.

É com tal naturalidade que Teresinha procura viver uma vida de intimidade com a Família de Nazaré, esforçando-se por se apresentar como o quarto membro daquele lar sagrado: — *Faz-me bem, quando penso na sagrada Família, imaginar uma vida perfeitamente comum. Não aquelas coisas que nos foram contadas, ou que são imaginadas. Tudo na vida deles se desenrolou como na nossa.*

Com essa maneira chã de se expressar, Teresinha termina por formular conceitos de imensa profundidade teológica, muitas vezes com um fino senso de humor: — *Devo reconhecer, minha santa virgem, que sou mais feliz que tu, porque eu te tenho por mãe do céu, ao passo que tu não tens nenhuma mãe do céu para amar!*

Ao escrever tais palavras, Teresinha acrescenta de imediato: *Sem dúvida, a santa virgem deve sorrir da minha ingenuidade; contudo, o que digo é bem verdade!*

Aliás, o último autógrafa que possuímos dela é este pensamento de 8-9-1897, três semanas antes de morrer: — *Ó Maria, se eu fosse a rainha do céu e tu fosses Teresinha, eu procuraria ser Teresinha para que tu fosses a rainha do céu!* 

Geraldo Araújo Lima é sacerdote, mestre em Teologia Bíblica; prior dos Frades Carmelitas (Piedade) Jaboatão do Guararapes, PE.

Maria, mãe da Igreja

Antônio Mesquita Galvão

Originário da maternidade divina e de sua santidade, o título de mãe da Igreja, outorgado a Maria surge como uma consequência inevitável. Sua característica de intercessora a coloca como aquela que se dispõe a tornar-se advogada dos cristãos, consoladora dos que sofrem e, como somatório dessa atividade espiritual, ela assume a maternidade de toda a Igreja-comunidade de Cristo. Há alguns dias atrás, quando escrevia estas linhas, andando na rua, vi um decalque no vidro traseiro de um automóvel, onde se lia: "Peça à mãe que o filho atende".

Santo Agostinho (+ 430), referindo-se à maternidade de Maria, pergunta por que, se ela é mãe da Cabeça (Cristo), não pode ser mãe dos membros (a Igreja)? A partir do episódio ocorrido em Caná, ela torna-se intercessora. Aos pés da cruz, ela assume a missão de tornar-se mãe dos redimidos pela cruz de seu filho. Quem foi assim investida, não tem "autoridade" para interceder?

A presença forte de Maria aparece claramente na Igreja do Oriente, em orações do século IX, em que os fiéis pedem a mediação de Maria junto a Jesus. Ao recomendar à Igreja que tome Maria como modelo, Paulo VI retrata-a como paradigma daquilo que é o grande anseio do homem moderno: a paz, a realização afetiva, a justiça, a eleição de valores reais e a alegria de estar a serviço.

Há tempos, entre incrédula e pouco conhecedora das coisas de Deus,

Maria é mãe de Jesus, que é filho de Deus e, por esse motivo, irmão nosso, na ordem da graça. Ora, se Jesus é nosso irmão, sua mãe é nossa mãe. Isso é consagrado pelo legado na cruz, quando Jesus entregou sua mãe viúva aos cuidados de João, e por extensão, a todo o gênero humano: Eis aí tua mãe! (Jo 19,27)

uma pessoa me perguntou sobre a pertinência do título de "mãe da Igreja", que é conferido à virgem. Ora, Maria é mãe de Jesus, que é filho de Deus e, por esse motivo, irmão nosso, na ordem da graça. Ora, se Jesus é nosso irmão, sua mãe é nossa mãe. Isso é consagrado pelo legado na cruz, quando Jesus entregou sua mãe viúva aos cuidados de João, e por extensão, a todo o gênero humano: *Eis aí tua mãe!* (Jo 19,27)

A Igreja ensina, a respeito das palavras de Jesus dirigidas a Maria, *Mulher, eis aí o teu filho!* (Jo 19,26) que o discípulo João recebeu em sua casa como mãe, como alguém que pela perfeição de sua fé, teve sua humanidade assumida por Deus. Ao tornar-se um novo "filho de Maria", o apóstolo representa a humanidade filiada à proteção amorosa da virgem. O ato de confiar Maria, sua mãe, ao amigo, derruba tantas falsas teorias, nas quais Jesus teria tido outros irmãos. Se os tivesse, não teria deixado Maria com eles?

Os seguidores de Jesus não permanecem isolados, mas agrupados em uma comunidade chamada Igreja, cujo mistério os reúne em nome de Cristo. Se Maria é mãe dos membros da Igreja, por que não tê-lo da própria Igreja? Concretamente, essa maternidade universal se manifesta na solicitude da mãe pelos homens, como outrora em Caná. Ao dizer ao filho: *Eles não têm mais vinho...* (Jo 2,4)

Maria revela a extensão de sua preocupação materna, não só refe-





rente a Jesus, mas a toda a humanidade. Ninguém, igual a ela, conhece e ama a Jesus. Por isso ninguém, como Maria, é capaz de nos levar a Jesus. O seguimento a Jesus nos faz assumir sua mãe como nossa mãe.

Não se trata apenas de uma simples devoção à mãe de Deus. Maria, que estava com o grupo apostólico, em constante oração, no início da Igreja, permanece entronizada nessa mesma Igreja, empenhada na salvação dos homens, libertos pelo sangue redentor do filho Jesus.

A mãe de Deus torna-se símbolo da Igreja, por causa de sua fé, seu serviço, sua maternidade, sua disponibilidade e pelas suas características de mestra da verdade. Maria é chamada de "filha de Sião", como um símbolo personificado de Israel, consolidando uma aliança de fé e de obediência. Na plenitude dos tempos messiânicos, essa "filha de Sião" vai converter-se em "mãe do povo de Deus".

Em fins do século II, S. Irineu (+200) criou uma analogia de relação, dizendo que, assim como do seio de Maria foi gerado o Cristo, do seio da Igreja foram gerados os cristãos. O Concílio de Éfeso (431) definiu a Virgem Maria como a "geradora de Deus" (*theotokos*), e o Vaticano II (1963) cunhou a expressão "Mãe da Igreja" e, por conseguinte, dos homens.

A missão da mãe da Igreja não termina na cruz. Pelo contrário. Começa. A partir do *Eis aí o teu filho!*, Maria assume uma maternidade que vai se prolongar para todo o sempre. Mesmo no céu, na vida eterna, os fiéis seguidores de Jesus terão a Virgem como sua mãe. A assunção corporal de Maria aos céus é sinal, para nós, que um dia com ela estaremos. Ela, como primícia, foi à nossa frente.

"As crianças — diz Santo Afonso de Ligório — têm sempre na boca o

nome da mãe. Em qualquer perigo que se vejam, ou medo que tenham, logo se lhes ouve gritar: mamãe, mamãe! Ah! Maria dulcíssima, Ah! Maria amorosíssima, isso é justamente o que desejais de nós. Quereis que nos tornemos crianças e chamemos sempre por vós, em todos os perigos. Por isso, recorremos a vós".

Uma vez, num encontro ecumênico, em uma universidade onde lecionei, escutei um teólogo luterano afirmar: "Como gostaríamos de ter Maria como mãe!"



Mas vocês a têm, disse-lhe, basta abrirem-se a seu amor e desfrutar daqueles ricos mananciais, sem temores!

A maternidade de Maria perdura — todos os dias — no seio da Igreja, como mediadora e intercessora. Por isso a comunidade cristã invoca-a como *advogada*, *auxiliadora*, *mãe do perpétuo socorro* e

medianeira de todas as graças. O amor de Jacó por sua mãe Rebeca é o tipo do amor filial da Igreja pela virgem Maria. "O sinal mais infalível e indubitável para distinguir um herege, um cismático, um réprobo, de um predestinado — ensina são Luís Grignon de Monfort — é que aqueles apresentam indiferença pela Santíssima Virgem. Não foi neles que Deus Pai disse a Maria que fizesse sua morada".

A figura da *mulher*, que perpassa a Bíblia, do Gênesis ao Apocalipse, revela-nos Maria, como também, num entrelaçamento de juízos, Eva, Israel (as doze tribos), Sião (aquele *resto* que espera o Messias), o povo da nova Aliança (os doze apóstolos) e, por fim, a Igreja.

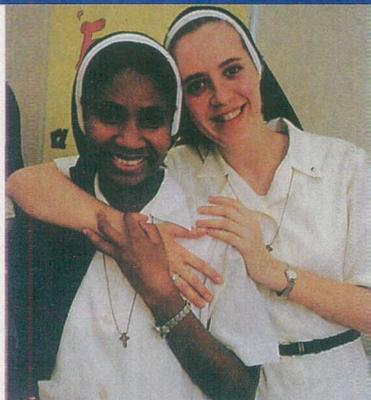
Em toda a Escritura, a palavra de Deus nos orienta sobre a maternidade de Maria em relação à Igreja. A inimizade entre o mal e os descendentes da mulher, retratam a luta da comunidade, em todos os tempos, contra aquelas forças maléficas que tentam colocar obstáculos à instauração do Reino. No capítulo 12 do Apocalipse, Maria é a "mulher vestida de sol", a mãe da Igreja que se liberta, a presença atenta ao lado de seus filhos.

Ela é mãe dos simples, dos fracos e dos oprimidos. Na América Latina, a "mãe do céu morena" apareceu em 1531, não ao governador, não ao chefe do cabido ou ao bispo, mas a um índio, a classe mais oprimida daqueles tempos coloniais.

O amor preferencial da mãe pelos filhos pobres acha-se admiravelmente revelado no *Minha alma glorifica ao Senhor* (cf. Lc 1,6-55). Com seu canto corajoso e profético, ela proclama o advento do mistério da salvação, a vinda de uma nova ordem, instaurada por seu filho, o "Messias dos pobres".

Antônio Mesquita Galvão teólogo leigo, professor e escritor. Autor, na Editora Ave Maria, de *O Rosto de Maria*, E-mail: kerygma@zaz.com.br

IRMÃS
DOMINICANAS



DE SANTA CATARINA
DE SENA

JOVEM

embarque em nossa
proposta de fazer
o bem em todo tempo
e lugar.

- Educação • Catequese
- Pastoral paroquial
- Assistência e Pastoral da Saúde
- Missões: dentro e fora do País

VISITE-NOS
OU
COMUNIQUE-SE CONOSCO

São Paulo, SP
Casa Provincial
Rua Manoel da Nóbrega, 307 (Paraíso)
CEP 04001-081 Tel. (0__11) 288-2951
e-mail: irsdominicanas@uol.com.br

Limeira, SP
Praça Dr. Luciano Esteves, 30
CEP 13 480-048 - Tel. (0__19) 441-6916

Londrina, PR
Rua Caetano Munhoz da Rocha, 258
(Parque Bom Retiro)
CEP 36 025-660 - Tel. (0__43) 329-1326

Petrolina, PE
Rua Joaquim Nabuco, 541
CEP 56 300-000 - Tel. (0__81) 861-0327

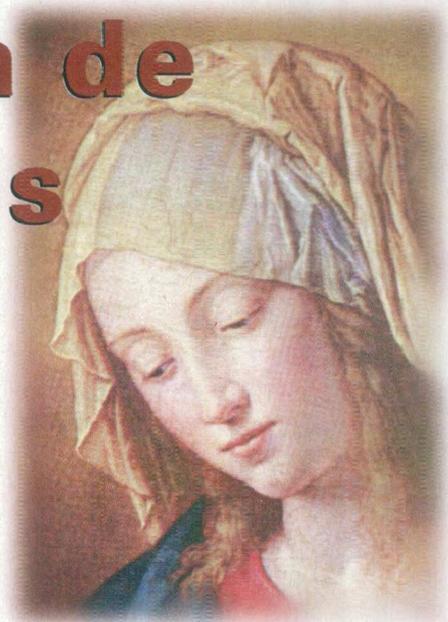
VISITE O NOSSO SITE:
www.dominicanas.com.br

“Nada se pode comparar com a
felicidade de ser toda de Deus”

(Madre Fundadora)

Senhora de Chartres

Roque Vicente Beraldi



A capital do Departamento Euro-e-Loir, na França, é a cidade de Chartres. Muito antiga, ela provém dos tempos dos romanos, que dominaram a região céltica. O nome era "Carnutum" (lugar santo). Os celtas quer para proteger sua fé, quer para aproveitar uma gruta natural, montaram nela um lindo templo subterrâneo. O imperador César determinou que ali fosse o centro das celebrações religiosas pagãs druidas.

Com a chegada dos cristãos, nos primeiros séculos, tiveram que praticar a religião em catacumbas. Os seguidores de Jesus aproveitaram essa abóbada sob a terra, para fazer, também, o centro de suas reuniões. Essa "igreja" dedicaram à mãe de Deus, porque no templo céltico, havia uma estátua representando uma senhora coroada com folhas de carvalho. Segurava um menino nos braços, com a mão direita levantada em sinal de abençoar e a mão esquerda segurando uma bola. Vendo uma extraordinária semelhança com Maria mãe de Jesus, os franceses a chamaram de Notre Dame sous Terre. (Nossa Senhora debaixo da Terra). Uma fonte cristalina borbulhava no seu interior. Chamando-se a cidade, Chartres prevaleceu este nome para, certamente, facilitar aos peregrinos o encontro do lugar.

Durante a revolução francesa, queimaram a imagem. No século XIX, nova imagem foi colocada e até

nos dias de hoje, recebe grande veneração de fiéis e peregrinos.

Existe uma lenda que fala terem os sacerdotes celtas enviado uma mensagem a Nossa Senhora enquanto vivia na terra dizendo que eles lhe rendiam homenagem com o nome de Nossa Senhora de Chartres!

O certo é que hoje a igreja de Chartres é Catedral, considerada como a mais antiga da França, porque foi construída antes do nascimento de Cristo!

Trata-se de uma obra de arte que juntamente com a riqueza, constitui uma das mais lindas e célebres igrejas do mundo. São numerosas as peregrinações frequentes para visitar esse templo subterrâneo. 

ORAÇÃO

Maria, Senhora nossa, que sob números e variados títulos scis invocada pelos cristãos, atende nossas súplicas, para que possamos crescer sempre no amor a Jesus vosso Filho e Senhor nosso, que vive e reina com o Pai e o Espírito Santo. Amém.

Roque Vicente Beraldi é sacerdote, missionário claretiano.



Ymyrapytã: 500 anos!

Elias Leite

YMYRAPITÃ: *ybyrá*: árvore, madeira + *pytã* (pytanga): vermelha, cor de fogo ou brasa. Daí, *brasil* ou *braseiro*.

Continuamos a série de nomes de cidades de origem tupi, iniciada na AM de janeiro, em homenagem aos assinantes, que residem nessas cidades.

GLOSSÁRIO ETIMOLÓGICO

CIDADE	NOME EM TUPI	SIGNIFICADO	MUNICÍPIO
GUIRICEMA (MG)	<i>ui'ri'cema</i>	<i>uirí</i> : espécie de peixe (xaréu) bagre + <i>cema</i> : a saída, a mudança. São peixes migratórios. A saída do bagre para a desova. Piracema.	2.629 habitantes: 2.244 homens, 385 mulheres; da área urbana: 1.024, da área rural: 1.605 / 316 km ² .
GURINHATÁ (MG)	<i>uirá'nhē'tã</i>	<i>Guirá</i> : pássaro + <i>nhe-tã</i> : de canto forte. Nome dado ao gaturamo. Var. <i>guariantã</i> , <i>guriantã</i> , <i>guarantã</i> .	2.144 hab.: 1.933 h., 211 m.; área urb.: 795, rur.: 1.351 / 2.040 km ² .
GURUPI (TO)	<i>kuru'p'y</i>	<i>curu</i> : cascalho, pedregulho + <i>pe</i> : local + <i>y</i> : rio. Rio do cascalho, das jazidas de cascalho, mineração. Bela cidade do Tocantins, centro agropecuário.	64.725 hab.: 22.019 h., 32.706 m.; área urb.: 62.972, rur.: 1.753 / 2.478 km ² .
IACANGA (SP)	<i>y'acanga</i>	<i>y'acanga</i> : <i>y</i> : água + <i>acanga</i> : cabeça, nascente = a nascente, a cabeceira.	8.110 hab.: 4.057 h., 4.013 m.; área urb.: 6.774, rur.: 1.396 / 561 km ² .
IBATÉ (SP)	<i>i'baté</i>	<i>i-ibaté</i> : o alto, o elevado, o morro.	23.498 hab.: 17.979 h., 11.519 m.; área urb.: 21.724, rur.: 1.774 / 297 km ² .
IBIÁ (MG)	<i>iby'ã</i>	<i>iby</i> : terra + <i>ã</i> : alta = terra alta, elevada, a chapada. <i>iby'ama</i> : ladeira, barranco.	19.761 hab.: 10.075 h., 9.685 m.; área urb.: 3.152, rur.: 1.493 / 2.616 km ² .
IBIRAREMA (SP)	<i>ibirá'rema</i>	<i>ibirá</i> : árvore + <i>rema</i> : de mau cheiro: madeira fétida, o pau d'alho.	5.709 hab.: 2.937 h., 2.802 m.; área urb.: 8.032, rur.: 889.
IBITINGA (SP)	<i>iby'tinga</i>	<i>yby</i> : terra + <i>tinga</i> : branco = terra branca.	42.359 hab.: 20.366 h., 21.393 m.; área urb.: 19.630, rur.: 35.240 / 649 km ² .

OBSERVAÇÕES: Dos nomes locais de origem tupi, uns conservam a forma original, outros foram alteradas na grafia; outros ainda, por formação inadequada e até fantasiosa, não correspondem à origem da língua e têm sua interpretação dificultada, às vezes até impossível. Como era língua só falada, a grafia ficava por conta do ouvido de quem escrevia. Fontes: IBGE (1996), Enc. Larousse Cultura (1998) e Folha de São Paulo

Um vocabulário para positivadores

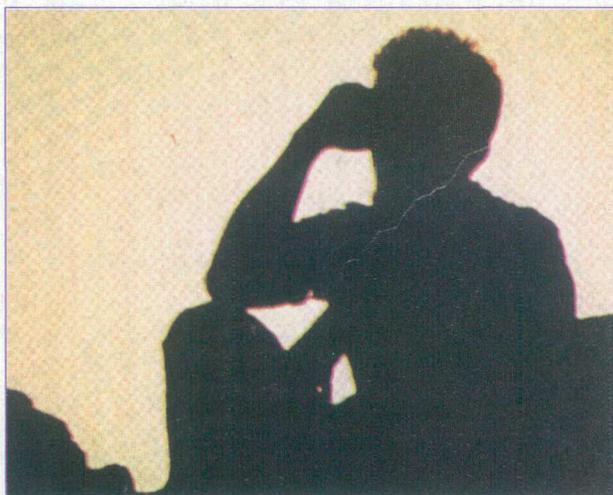
Francisco Gomes de Matos

Uma das experiências mais humanizadoras deste articulista, no convívio com pessoas que participam de nossas Oficinas de Pedagogia da Positividade, diz respeito à criação de estratégias para organizar e usar um vocabulário construtivo.

Assim, nesses encontros (com educadores e profissionais de diversas áreas, inclusive gestores de empresas públicas e privadas), costumamos desafiar os grupos a sistematizarem seu patrimônio lexical objetivando, acima de tudo, uma comunicação cristã, i. e., centrada no "amor ao próximo lingüístico". Dentre as estratégias trabalhadas cooperativamente, destaco a de fazer um pequeno dicionário de "positivadores". Este termo, de minha autoria, designa adjetivos com os quais nos referimos a qualidades positivas de pessoas. Antes de iniciar o trabalho de grupo, pergunto a cada participante: Quanto variado e extenso será seu repertório de positivadores? Quais seus "preferidos", ao falar e ao escrever?

Até que ponto você consegue monitorar sua adjetivação positivadora? Ao ler um texto, estará atento para o uso de tais palavras, chegando a verificar a proporção de positivadores, em face de palavras que podem refletir significados negativos, questionáveis?

Até que ponto você consegue monitorar sua adjetivação positivadora? Ao ler um texto, estará atento para o uso de tais palavras, chegando a verificar a proporção de positivadores, em face de palavras que podem refletir significados negativos, questionáveis?



Positivadores para cristãos

Recentemente, numa reunião com colegas cristãos, apresentei algumas

listas de positivadores, organizadas com base na letra inicial, para facilitar a armazenagem na memória. Na primeira enumeração, positivadores com a letra "c", haveria no mínimo, 50 itens lexicais, a saber: X é uma pessoa... capaz, caprichosa, caridosa, carinhosa, carismática, categorizada, cativante, cautelosa, célebre, certa, charmosa, ciosa, cívica, civilizada, clara, clemente, coerente, colaboradora, combativa, comedida, compassiva, competente, competitiva, comportada, compreensiva, comprometida, comunicativa, conceituada, conciliadora, confiável, conhecida, consagrada, consistente, constante, *construtiva*, contemplativa, contente, convergente, convicta, convincente, cooperativa, corajosa, cordata, cordial, correta, cortês, credenciada, *cristã*, cuidadosa, culta.

Outra lista, para referência, monitoramento e autoavaliação, é constituída de positivadores iniciados por "a". Eis alguns, cabendo aos leitores acrescentarem outros, com base em dicionários publicados ou mentais (individuais):

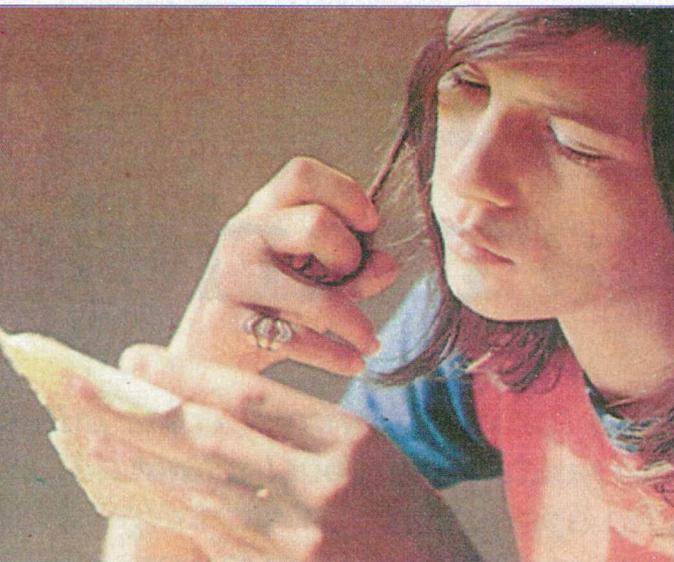
Uma pessoa... afável, afetuosa, agradável, ajustada, altruísta, amável, amorosa, animada, aplicada, arguta, atenciosa, atraente, atuante, atualizada, autêntica. Com a inicial "b", de "bom", podemos organizar uma lista que incluiria: bem-educada, bem-humorada, benquista, bondosa,



cristãos:

bonita, brilhante. E a mini-lista de positivadores com "j"?

Desafie-se a explicitá-los e encontrará: jeitosa, jovial e justa. Apesar de reduzidíssima, essa enumeração contém um dos conceitos-chave do Cristianismo: justiça. Mas e a lista iniciada por "p", de pessoa "pacífica"? Nesse caso, a língua portuguesa nos oferece muitos positivadores com os quais podemos aprender a



humanizar nossa maneira de falar e de escrever. Eis alguns:

Pessoa... paciente, participativa, patriota, perceptiva, perseverante, pertinaz, ponderada, popular, *positiva*, precavida, precisa, presertativa, previdente, produtiva, progressista, prudente.

Numa era de busca crescente de "eficácia" (termo às vezes usado sem a indispensável adjetivação humanizadora...), a lista de positivadores com

"e" poderia ser exemplificada assim: Pessoa... eficiente, eficaz, egrégia, eloqüente, empática, empenhada, empreendedora, encantadora, engenhosa, engraçada, entendida, entusiasta, equilibrada, esclarecida, especial, esperançosa, *espiritual*, espirituosa, esportiva, estável, estimada, estudiosa, excelente, excepcional, exigente, expansiva, experiente, expressiva, exuberante.

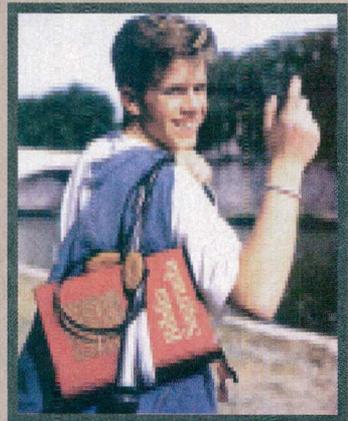
Por ser o aspecto mais variável de uma língua, o vocabulário deveria refletir nossa cosmovisão construtiva: estaremos educando as crianças, os adolescentes, os jovens, os adultos — a

nós mesmos, cidadãos idosos — no uso consciente, crítico, de um vocabulário que dignifique a condição humana? Vocabulário lembra "valores", por isso, sabemos cumprir nossa responsabilidade comunicativa humanizadora, selecionando bem os "positivadores", para o bem de nossos parceiros, nesta maravilhosa experiência de com-

partilhar um ou mais sistemas de comunicação e expressão: o Português (nossa língua materna) e outras línguas que saibamos ou ainda estejamos aprendendo. Fazendo isso, cumprimos uma parte de nossa missão comunicativa cristã.



Francisco Gomes de Matos é professor e pesquisador do Departamento de Letras, em Direitos Lingüísticos, da Univ. Federal de Pernambuco. e-mail: fcgm@cashnet.com.br



Senhor, que queres que eu faça?

**Nós, PAULINOS,
acreditamos na
evangelização com os
meios de comunicação.**

**Jovem, se você deseja
conhecer melhor a vida
e a missão dos Paulinos,
escreva para:**

**CENTRO VOCACIONAL
PAULINO**

Caixa postal 173
95001-970 Caxias do Sul, RS
Tel.: (0 __ 54) 229-4555

Rua das Camélias, 340
Chácara Primavera
13087-650 Campinas - SP
Tel.: (0 __ 19) 255-5043

Caixa Postal 2534
01060-970 São Paulo - SP
Tel.: (0 __ 11) 3782-3742

Igreja e Iluminismo

Ronaldo Mazula

(Continuação)

Apresentamos na edição de junho, que o Iluminismo nasceu na Inglaterra e, segundo seus fundadores, não mais a fé iluminaria as pessoas, mas a razão. Neste artigo será considerada sua expansão para outros países.

Iluminismo na França

O Iluminismo lançou na França as suas raízes mais profundas. As obras do deísmo anti-cristão inglês encontraram acolhida favorável nos salões e nos ambientes intelectuais franceses. O movimento iluminista encontrou campo favorável no esfriamento religioso causado pelas lutas jansenistas⁽¹⁾ e na imoralidade e frivolidade reinantes na corte e na alta sociedade francesas.

O alto clero, dominado também pela corrupção e pelo espírito mundano, não soube opor resistência eficaz — e até às vezes colaborou — para a superstição, que com frequência era considerado sinônimo de religião e de Igreja. O baixo clero, em sua maioria, não estava capacitado para resistir. O deísmo dos ingleses se converteu logo no ateísmo dos franceses nas obras de Saint-Evremond (1704) e de Pedro Bayle (+1706). Este foi o iniciador da crítica

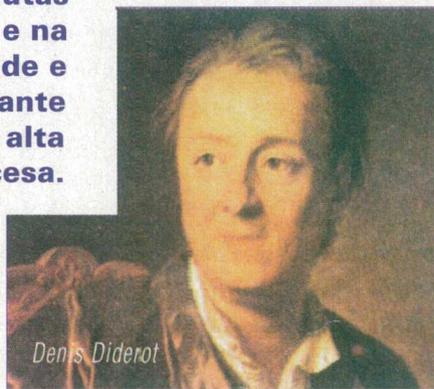
ca desapeçada e demolidora de todo o sagrado.

No campo político, foram importantes as críticas ao poder dos reis, nobres e do alto clero e a defesa da liberdade e dos direitos fundamentais do homem. Foi muito destacada a contribuição de Montesquieu ao fazer a proposta dos três poderes em um governo: o *Legislativo*, que deve criar as leis; o *Executivo*, que exige a aplicação das leis e o *Judiciário*, que controla o cumprimento, ou não, das leis.

O movimento iluminista encontrou um ambiente favorável no esfriamento religioso causado pelas lutas jansenistas e na imoralidade e frivolidade reinante na corte e na alta sociedade francesa.

A Enciclopédia

O Iluminismo francês se encarnou numa obra, em cuja elaboração trabalharam muitos intelectuais



franceses do século XVIII a *Enciclopédia* ou *Dicionário racional das ciências, das artes e dos ofícios* (1751-1772). Diderot, diretor da obra, condensou assim a sua finalidade: "dar uma educação universal para provocar mudança no modo de pensar das pessoas". Seus principais colaboradores foram, além de Diderot, D'Alembert, Voltaire, Rousseau,

Helvetius, Buffon, Condorcet, etc. Constava de 28 volumes: 17 de textos e 11 de ilustrações, que se publicaram de 1751 a 1776. Tiraram-se 30 mil exemplares. Foi condenada pela Igreja em 1758 e 1759.

A mudança que os enciclopedistas queriam ia dirigida, principalmente, para a religião. No trabalho anti-religioso da *Enciclopédia* com suas notas irônicas e satíricas (eles não atacavam diretamente a religião cristã), na exposição dos temas teológicos com um veneno anti-religioso escondido na ingenuidade que gerava a dúvida e o ceticismo nos leitores. Finalmente, não desprezavam a religião, mas aproveitavam toda ocasião para colocá-la em ridículo.

Expansão do Iluminismo

O Iluminismo se desenvolveu na Alemanha, principalmente a partir das idéias subjetivistas luteranas. Mas o Iluminismo não alcançou lá tanta popularidade como na Inglaterra e na França. Pouco a pouco, a filosofia francesa foi fazendo adeptos, principalmente nos meios protestantes. Os principais iluministas alemães foram Lessing e Kant. O Iluminismo exerceu também um influxo negativo nos católicos alemães.

O Iluminismo na Itália não foi tão violento e negativo como o francês. Foi mais equilibrado, ainda que seu anti-clericalismo se manifestasse em livros e sátiras contra o papado. Teve representantes em César Beccaria, Alexandre Verri, J.B. Vico, etc. Inclusive, na Cúria romana, houve quem

se deixou influenciar, como o Cardeal Domingos Pasionei, que se esforçou para evitar a condenação da *Enciclopédia* e se correspondia com Voltaire. Ainda que isso não fosse de estranhar, porque também o papa Bento XIV escreveu a Voltaire, para lhe agradecer a dedicatória no drama "Maomé".

Na Espanha, eram amplamente conhecidas as obras dos enciclopedistas franceses, apesar da estreita vigilância montada pela Inquisição para lhes proibir a entrada no país. Destacaram-se Manuel Roda, o Conde Aranda de Bolea e Abate Marchena.

Em Portugal, o grande destaque do pensamento iluminista foi o Marquês de Pombal, que promoveu várias reformas no país e nas suas colônias, de modo especial, no Brasil.

Iluminismo no Brasil

O século XVIII marcou um período de muitas mudanças no Brasil, ocorridas de modo especial, em função da descoberta do ouro e diamantes em São Paulo, Goiás, Mato Grosso e em Minas Gerais, que se tornará o grande centro das riquezas minerais do Brasil. O país passou por uma fase de crescimento demográfico e econômico muito grande. Pombal, considerado um 'déspota esclarecido', ou seja, influenciado pelo Iluminismo, com suas reformas, tentou controlar a vida da colônia. Seguindo o pensamento iluminista de oposição e controle da Igreja e suas instituições, "encaminhou reformas para secularizar a educação, tirando-a do controle e da orientação das instituições eclesiásticas. Com estas reformas, especialmente a relacionada com a educação, Pombal criou um conflito entre Igreja e Estado. Os ecos

da ofensiva dos iluministas europeus contra a Companhia de Jesus, a enorme ingerência dela nos negócios do Estado português, o grande patrimônio que a Companhia possuía nas colônias e as dificuldades que ela punha à caça do índio e à implantação do opressivo sistema colonial proposto pelo ministro português, foram os fatores fundamentais da crise que em Portugal terminou com a expulsão dos padres jesuítas do reino e das colônias em 1759". (cf.: BIDEGÁIN, A. M. *História dos Cristãos na América Latina*. Petrópolis e Vozes, 1993, pp. 306-307). Além da política pombalina de controle sobre a Igreja, devemos recordar que após a Independência do Brasil



O marquês do Pombal observando a planta de Lisboa. Pintura de Vicente Luppi.

em relação a Portugal com d. Pedro I e, principalmente com d. Pedro II, houve um forte controle estatal sobre a Igreja, marcado profundamente pelas idéias iluministas.

Ao mesmo tempo em que crescia o controle estatal português sobre o Brasil, as idéias iluministas de independência foram ganhando corpo, pois as notícias da independência dos Estados Unidos e da Revolução Francesa chegaram ao país. Assim, alguns setores da sociedade brasileira, principalmente o setor mineiro, que formava a elite econômica e intelectual do Brasil, começaram a organizar os primeiros movimentos que visavam li-

bertar o Brasil de Portugal. Assim, tivemos a Inconfidência Mineira de 1789, a Conjuração do Rio de Janeiro de 1795, a Conjuração Baiana de 1798, a Revolução Pernambucana de 1817, etc. Após aquelas conjurações aconteceu a independência do Brasil, em 1822, com os imperadores do Brasil sendo muito influenciados pelas idéias iluministas.

Concluindo, podemos afirmar que o Iluminismo provocou a morte do 'antigo regime' medieval e fez com que as idéias racionalistas e empí-

Ao mesmo tempo em que cresce o controle estatal português sobre o Brasil, as idéias iluministas de independência vão ganhando corpo.

ricas produzissem mudanças radicais em todos os setores da estrutura social. No campo religioso, o Iluminismo não só promoveu a crítica contra a religião

revelada, como combateu o Cristianismo em vários países, influenciando a vida eclesial e gerando várias crises em muitos setores cristãos. Finalmente, o pensamento iluminista teve o seu auge na Revolução Francesa, ocorrida no ano de 1789; evento que marcou a história mundial abrindo uma nova era e uma nova perspectiva nas relações humanas, de modo especial, nas estruturas políticas mundiais.



(¹) Doutrina de Jansênio (1585-1638), teólogo holandês, sobre a graça e a predestinação, que levava ao rigorismo moral.

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA:

• ARRUDA, J. J. *História Total*. Época Moderna e Contemporânea. São Paulo, Ática, 1998. • BIDEGÁIN, A. M. *História dos Cristãos na América Latina*. Petrópolis, Vozes, 1993. • MARTINA, Giacomo. *História da Igreja. De Lutero a nossos dias*. Vol. II, São Paulo, Loyola, 1995. • ALVAREZ GOMEZ, J. *Manual de História de la Iglesia*. Madrid, Publicaciones Claretianas, 1987. • DUSSEL, H. *Historia de la Iglesia en América Latina*. Bogotá, USTA, 1984. • DUSSEL, H. *Historia Liberationis. 500 Anos de História da Igreja na América Latina*. São Paulo, Paulinas-Cehila, 1992.

Ronaldo Mazula é missionário claretiano e professor de História da Igreja.

Ronaldo Mazula

14 de julho

São Camilo de Lélis

O século XVI foi um dos mais difíceis na vida da Igreja, pois nele aconteceu o cisma luterano, iniciado em 1517. Provocou não só uma divisão interna dentro da Igreja, mas outra no mundo ocidental, com o surgimento de novas denominações cristãs: Luteroanismo, Calvinismo, Anglicanismo, Presbiterianos, Batistas, etc. A Igreja católica já vivia naquele período uma fase de reformas e é claro que aconteceram muitas coisas boas na sua história. Tanto é que só naquele século houve mais de 90 santos canonizados

pela Igreja e deu-se um dos mais importantes concílios ecumênicos da Igreja: o Concílio de Trento, que até hoje tem suas influências sobre o Catolicismo. Naquela época também, iniciou-se a colonização das Américas. Este fato provocou uma onda missionária inédita até então. Com todos esses acontecimentos é de se notar ainda, que a pobreza continuava crescendo, os enfermos não eram atendidos a contento, as crianças e jovens pobres não encontravam meios e condições para estudar e sobreviver, etc... Foi nesse contexto que nasceram homens que se dedicaram ao serviço aos mais carentes. Como afirma CONTI, "no século XVI, três santos sobressaíram nas iniciativas assistenciais: Jerônimo Emiliani, João de Deus e Camilo de Lélis. Os três têm

traços comuns: iniciaram a vida na carreira militar; seguiram os impulsos das rudes paixões dos mercenários; pela conversão radical, tornaram-se samaritanos incansáveis das misérias humanas." (CONTI S. *O Santo do dia*. Petrópolis, Vozes, 1984).

Camilo nasceu no seio de uma família católica italiana e seu pai era militar. Ao perder os pais na juventude, foi trabalhar num hospital. Essa experiência não deu certo. Entrou no serviço militar, que também não lhe deu boas condições de vida. Além da instabilidade do emprego militar, Camilo era viciado no jogo e isto lhe trouxe muitos problemas, até que começou a trabalhar numa comunidade de capuchinhos. Aos poucos, foi amadurecendo e entrou para a vida da comunidade

29 de julho

Santa Marta, seguidora de

O século I de nossa era marca o início de uma nova etapa na história da humanidade: o nascimento de Jesus Cristo, o Filho de Deus que veio trazer a salvação a toda a humanidade. Na sua vida terrena, Jesus teve muitos amigos e amigas aos quais transmitiu seus ensinamentos e estes, posteriormente se tornaram anunciadores e testemunhas de seus ensinamentos.

É neste contexto que devemos compreender a vida de Santa Marta, irmã

de Maria e Lázaro. Marta era judia e morava em Betânia, uma pequena aldeia que se localizava a uns três quilômetros de Jerusalém. Os evangelhos, escritos que narram a vida de Jesus, mencionam que Jesus era amigo da família de Marta e sempre que passava em Betânia ia visitar esta família e ali descansava. Numa dessas passagens, relatada por Lucas (cf. Lc. 10,38-41), é mencionada uma dessas visitas de Jesus a esses amigos. Enquanto Marta se preocupava com os serviços da casa, sua irmã Maria sentou-se aos pés de Jesus e ouvia seus ensinamentos. Marta diz a Jesus que Maria devia ajudá-la nos serviços da casa e Jesus diz a ela o seguinte: "Marta, Marta, você se preo-



— apóstolo dos enfermos (1550-1614)



mas, uma ferida na perna fez com que mudasse os planos ao ficar internado num hospital: a partir de então dedicaria-se aos enfermos pelo resto de sua vida. Posteriormente, foi ordenado sacerdote e fundou, com uns amigos sensíveis à causa dos enfermos, a 'Ordem dos Ministros dos Enfermos' que existe ainda hoje, inclusive no Brasil e se dedica aos doentes. Foi canonizado em 1746 e declarado patrono dos enfermos e dos hospitais.

No mundo de hoje, vemos o crescimento da pobreza no mundo e com ela os muitos problemas sociais que afetam aos mais carentes e pobres. Por outro lado, vemos também o abandono em que vive grande parte da população mundial diante da inoperância das instituições governamentais, políticas e

econômicas que, infelizmente, tornam-se cada vez mais insensíveis aos clamores dos pobres, pequenos, abandonados e doentes. Diante deste quadro, S. Camilo de Lellis é modelo de:

- cristão que passa por um processo de purificação e conversão que o torna sensível aos pobres e pequenos;
- cristão que rompe com um passado mundano e se dedica ao seguimento radical de Jesus Cristo e à prática do evangelho;
- cristão totalmente dedicado ao serviço do próximo;
- cristão articulador de iniciativas que integram pessoas de boa vontade dedicadas à caridade e ao serviço dos irmãos;
- pastor dos enfermos e presença do amor de Deus nos hospitais. 

Jesus

cupa com muitas coisas; mas só uma coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte e esta não lhe será tirada". Esta passagem serviu para que a tradição cristã fizesse muitas reflexões sobre a integração entre a oração e a ação, a teoria e a prática; pois Jesus Cristo quer que todos estejamos prontos para escutá-lo como o fez Maria; por outro lado, ele não diz que Marta escolheu a pior parte e sim, afirma que Maria escolheu a melhor parte. Assim, devemos também, estar sempre atentos aos bens espirituais.

Em outra passagem, quando morreu seu irmão Lázaro, Marta aparece como a mulher que acredita na ressurreição e professa a fé no Cristo, que

tem poder para ressuscitar seu irmão (cf. Jo 11). Marta aparece também como a mulher que serve Jesus na ceia celebrada em sua casa de Betânia (cf. Jo 12,2). Segundo antiga tradição, após a ascensão de Jesus, já no início da Igreja primitiva, em função das perseguições sofridas pelos cristãos, Marta, Maria e Lázaro foram morar na França e ali anunciaram os ensinamentos de Jesus.

Atualmente, vivemos num mundo onde grande parte das pessoas só pensam nos bens materiais e são demasiadamente consumistas; outros, vivem numa situação de estresse porque só vivem para trabalhar a fim de conseguir dinheiro para gastar com seus so-

nhos de consumo. Diante disto, esquecem-se da vida e dos bens espirituais. Marta viveu este dilema, mas aos poucos foi percebendo que a melhor parte foi a escolhida por sua irmã, por isso, ela é modelo de:

- mulher cristã que aprende e acredita em Jesus Cristo, verdadeira vida colocando em suas mãos a sua vida e a de seus entes queridos;
- cristã que confia no Cristo nos momentos mais difíceis de sua vida;
- cristã que aos poucos vai amadurecendo e assimilando os ensinamentos de Jesus;
- mulher cristã que assume os trabalhos do cotidiano com seriedade e fidelidade. 

Pessoas ideais

Wimer Botura Jr.

Uma das questões mais complexas para o ser humano é se concentrar no aqui e agora. Essa é a grande verdade do mundo porque a única certeza absoluta que temos é a do momento presente.

Podemos imaginar que daqui a um minuto tudo estará mudado, porém não temos certeza, a não ser do instante que estamos vivendo.

As pessoas têm grande dificuldade de se envolver profundamente com seus sentimentos e suas relações. Frequentemente, buscam fora as pessoas, os lugares e os momentos ideais. Até existem momentos e lugares melhores, só que eles virão no momento certo na vida de cada um. Os mecanismos de defesa do *ego*, descritos pela Psicanálise, comumente nos transportam para situações fora do aqui e agora porque deslocam para outro lugar, pessoa ou momento, aquilo que está ocorrendo na realidade. Buscamos o ideal e assim negamos as próprias relações que estão ao nosso redor. As soluções e as coisas boas podem estar à nossa frente e nós simplesmente não as conseguimos enxergar.

Estamos sempre procurando as pessoas ideais, e não percebemos que elas estão à nossa volta. Mas quem são elas?

A busca de pessoas ideais conduz a relações vazias porque esperamos que as pessoas sejam extraordinárias, mas elas são apenas normais! Nós procuramos as pessoas ideais e não encontramos as reais e verdadeiras. As pessoas ideais somos nós mesmos, no momento em que nos aceitamos.

E o que acontece, frequentemente, é que as pessoas acabam se relacionando somente com os demonstrativos do que imaginam ser o parceiro ideal, e se esquecem da própria essência. Tentam uma relação pelas aparências e encontram a frustração.

Esta mesma idealização está presente também na relação familiar.

Pais que se sacrificam pelos filhos, deixando de satisfazer seus próprios desejos, acabam educando as crian-

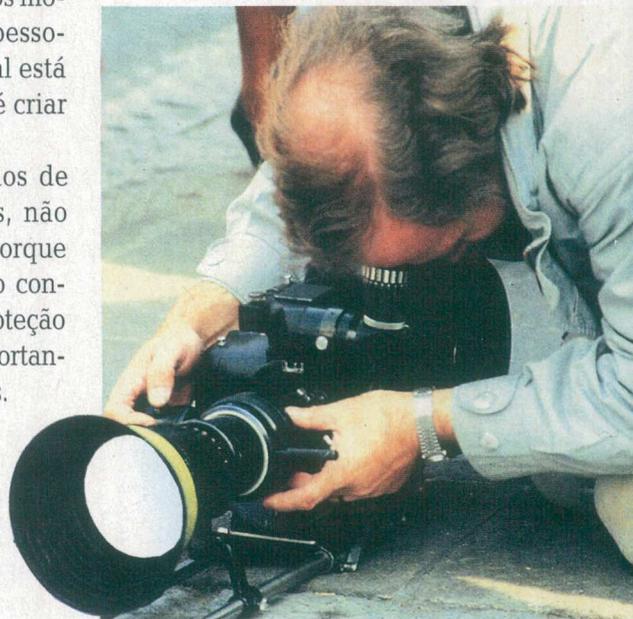
ças baseando-se nas pessoas ideais. E quanto mais ideais forem os modelos, mais fracassadas as pessoas se sentirão porque o ideal está acima da realidade. Como é criar o filho ideal?

Ao criarmos nossos filhos de acordo com as convenções, não construímos sua essência porque não privilegiamos a atenção concentrada, o toque físico, a proteção e o afago, que são mais importantes do que os demonstrativos.

Muito mais significativo é fazer do filho um indivíduo responsável e consciente, capaz de escolher seu rumo na vida, de forma saudável e feliz.

Um pai ideal e perfeito também pode criar filhos medíocres. Se a criança for educada para admirar o pai, numa relação só de estímulos exteriores e sem essência, provavelmente não aprenderá a escolher e viver seus próprios caminhos. Fica-

Pais que se sacrificam pelos filhos, deixando de satisfazer seus próprios desejos, acabam educando as crianças baseando-se nas pessoas ideais. E quanto mais ideais forem os modelos, mais fracassadas as pessoas se sentirão porque o ideal está acima da realidade.



rá paralisada admirando, inerte, a figura do pai.



Wimer Botura Jr. é médico psiquiatra, psicoterapeuta e autor do livro A paternidade faz a diferença, Ed. Gente.

Yvonne B. Oliveira

ENTRADA

Salada juliana

Ingredientes

- 1/2 xícara/chá de maionese
- 1/4 de xícara/chá de queijo roquefort amassado (opcional)
- 3 colheres/sopa de leite
- 1 colher/chá de suco de limão
- 1 xícara/chá de salsaõ ou aipo cortados em tirinhas de 2 cm
- 1 xícara/chá de cenoura cozida cortada em tirinhas de 2 cm
- 1 xícara/chá de abobrinha cozida e cortada em tirinhas de 2 cm.
- 1 xícara/chá de tomates sem sementes cortados em pedaços
- Sal a gosto

Modo de preparar

1. Em uma tigela, misture bem a maionese e o queijo. Junte o leite e o suco de limão e bata até ficar cremoso. Deixe na geladeira por meia hora.
2. Arrume os demais ingredientes em uma travessa e derrame por cima o molho.



PRATO PRINCIPAL

Rocambole de batata e espinafre

Ingredientes

- 1 kg de batatas
- 1 xícara/chá de leite
- 3 colheres/sopa farinha de trigo
- 1 colher/chá de mostarda
- 2 colheres/sopa de queijo parmezão ralado.

Recheio de espinafre

- 1 pitada de aji-no-moto
- 2 colheres/sopa de margarina
- 1/4 de xícara/chá de cebola ralada
- 1 1/2 colher/sopa de maisena
- 1 maço de espinafre
- 1 xícara/chá de leite. Sal.

Cobertura

Molho de tomate a gosto e queijo parmezão ralado.

Modo de preparar

1. Cozinhe com sal as batatas descascadas, até amaciar e passe pelo espremedor.
2. Junte os demais ingredientes da massa. Bata um pouco. Escalde em uma assadeira rasa (22 x 34 cm) bem-untada e enfarinhada. Asse em forno moderado por 30 minutos.
3. Enquanto o rocambole assa, prepare o recheio. Lave o espinafre. Os talos mais tenros e leve ao fogo brando com sal e aji-no-moto. A panela fica tampada (não coloque água) até murcharem. Retire do fogo, escorra bem e corte com uma faca até ficar bem picadinho.
4. Derreta a manteiga ou margarina e refogue a cebola até ficar macia. Junte o espinafre picadinho e bem escorrido.
5. Dissolva a maisena no leite e adicione ao espinafre, mexendo sempre até ficar um creme grosso. Verifique o tempero e corrija, se precisar.
6. Desenforme a massa de batata sobre um guardanapo úmido. Espalhe o recheio e enrole com cuidado para não quebrar. Coloque em uma travessa e cubra com molho de tomate e queijo ralado.

SOBREMESA

Quindão econômico

Ingredientes

- 6 ovos
- 4 gemas
- 3 xícaras/chá de açúcar
- 1 1/2 colher/sopa de manteiga
- 1 coco grande ralado (300 g).

Modo de preparar

1. Bata muito bem os ovos e as gemas com o açúcar. Junte a manteiga e o coco ralado aos poucos, sempre batendo.
2. Unte farramente uma fôrma redonda (média) com manteiga.
3. Despeje a massa e asse em forno médio, em banho-maria, por cerca de 30 minutos. Retire do forno e deixe esfriar. Desenforme sobre um prato. Se desejar, decore com lascas de coco.



Esposa do alcoólatra

Sônia Mannelli

Um alcoólatra prejudica no mínimo de 5 a 15 pessoas que convivem ao seu redor, direta ou indiretamente. Quando o beber do alcoólatra se torna descontrolado, começam situações de crise no casamento, e no relacionamento do alcoólatra com seus filhos e os demais familiares.

Os ganhos passam a ser limitados, em decorrência de o bebedor despender mais com a bebida, ou por causa dela, fora do lar. Discussões começam a ser mais frequentes e cada vez mais violentas. As crianças apresentam distúrbios emocionais. A esposa torna-se desconfiada, sofre a perda do controle emocional. Ressentida, buscando formas de sustar o problema, assume posturas das mais variadas que só agravam a situação do marido e do bem — estar do seu lar.

Por vezes, assume atitudes de "castigadora", dizendo, por exemplo: "se você fizer isto ou aquilo espere que você me pagará". Quando isso não mais funciona, passa a desdenhá-lo. Nesse caso, se alguém vem falar-lhe que ele se machucou ou está mal, diz: "que me importa? Que morra! ..."

A atitude de uma mulher que "critica" a tudo e a todos demonstra sua insatisfação por estar convivendo com um alcoólatra ativo que não lhe dá atenção e respeito. Finalmente, passa por "mártir" e é vista como tal e consolada pelos parentes e ami-

gos como a "coitada" e com a frase "o que se pode fazer?" Essas posições citadas permanecem por longo tempo. Entre a mudança de uma para outra, mesclam-se tempos de trégua em que a esposa aceita as racionalizações que o marido lhe apresenta desculpando seu hábito, por exemplo: a mudança da política da empresa em que

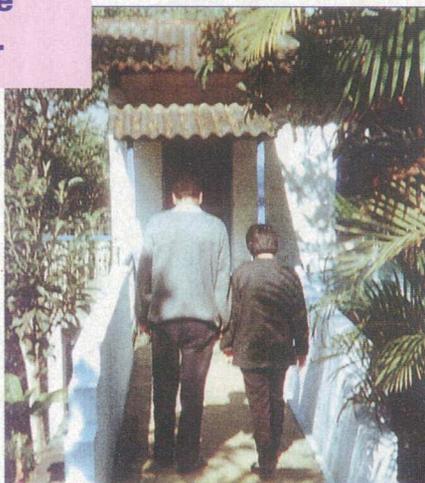
lizado, como também agressivo em palavras e atitudes.

Esta restrição não é só para se protegerem de possíveis comentários que denigram a imagem da família pelos visitantes, mas em especial para encobrir que o marido bebe.

A preocupação com a reputação familiar passa a ser constante e a esposa, pouco a pouco, começa a sentir-se fracassada. Esta é chamada a "doença escondida", porque por anos, os membros da família do alcoólatra ficam desamparados e sem a possibilidade de qualquer ajuda externa, pela vergonha de discutir com outros as situações equívocas e/ou desastrosas do alcoólatra.

Na maioria das vezes desconhecem que se trata de uma enfermidade que tem tratamento e recuperação.

O alcoolismo conturba a vida do lar e quebra o ambiente familiar.



trabalha, devido á desestabilização social, a pressão maior das chefias, etc...

O alcoolismo conturba a vida do lar e quebra o ambiente familiar. A esposa põe-se nervosa, os filhos se sentem inseguros, o contato social fica restrito, pois ninguém se atreve a receber hóspedes ou amigos em casa. Não se sabe nunca, como vai chegar o chefe da família, algumas vezes, não somente alcoo-



Pergunta-se: por que e como uma esposa suporta conviver por tantos anos com uma pessoa que a maltrata e a desilude constante-



mente? A resposta é que basicamente o alcoólatra é uma boa pessoa (salvo raras exceções em que há outros tipos de comprometimentos psiquiátricos) e o que a esposa não gosta é das *atitudes* irresponsáveis, das consequências do beber do alcoólatra, e não de sua *pessoa*. Aliás ouve-se muito a frase "quando ele não bebe é trabalhador". Fora a bebida, é um bom pai, etc..."

Devido às "perdas" subseqüentes e à inabilidade do alcoólatra de conduzir as responsabilidades de casa, a esposa assume o controle do dinheiro além de passar a tomar as decisões familiares. Por vezes, ela mesma e os filhos mais velhos saem para trabalhar fora para o sustento da família).

Infelizmente, devido ao preconceito e, como já dissemos, mais pelo desconhecimento da doença, somente então, a esposa e os filhos buscam ajuda, expondo o problema.

Felizmente, hoje muitas comunidades contam com a irmandade de outros familiares de alcoólatras (AL-ANON); e profissionais experientes nas áreas de dependência química (terapeutas, assistentes sociais, psicólogos, psiquiatras, etc...).

Encontrada a ajuda, os familiares se tornam mais confiantes, passam a discutir os problemas causados pelo alcoolismo, sem preconceito. Aprendem a superar os temores e decepções passadas. Inicia-se, então um processo de reconciliação entre o casal que, em geral, leva o alcoólatra a admitir tratamento.



Sônia Mannelli é terapeuta, trabalha na área de dependência química. Tel.: (0__11) 5528-1845.

MISSIONÁRIOS CLARETIANOS



UM CAMINHO

"Meu espírito é para todo mundo" Claret



UMA LUZ

Imaculado Coração de Maria
"Como uma luz suave que ilumina tudo" Pio XII



UM SINAL

A cruz do missionário

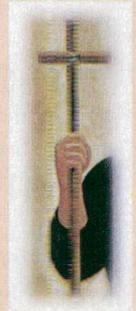


UM IDEAL

Ser um claretiano



UM GUIA
Santo Antônio
Maria Claret
"Apóstolo e mestre dos apóstolos"



UMA PAIXÃO

O Anúncio da Palavra "A caridade de Cristo me urge me impele, e me obriga a gritar" Claret



UMA CONGREGAÇÃO
Missionários Claretianos

UM CONVITE
"Vem e segue-me"

Se você está em um destes Estados escreva para:

Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul:

Pe. Ivo Rogério da Silva
Centro Claretiano de Formação
Missionária "Padre Clotet"
Cx. Postal, 412
CEP 85501-970 Pato Branco, PR
Tel. (0__46) 224-2129
clotet@wteduch.com.br

Minas Gerais, Rio de Janeiro, Goiás e Distrito Federal:

Pe. Marco Silva Souza
Secretariado Vocacional Claretiano
Cx. Postal, 1438
CEP 30160-01 Belo Horizonte, MG
Tel. (0__31) 222-3154
curiabz@cigitus.com.br

São Paulo, Mato Grosso, Nordeste e outras regiões:
Pe. Janivaldo Alves dos Santos
Secretariado Vocacional Claretiano
Cx. Postal 1205
CEP 01059-970 São Paulo, SP
Tel. (0__11) 9978-3893
janivaldo@netpoint.com.br
www.cmf.br/vocacica

ANÚNCIO DO EVANGELHO E BENS MATERIAIS

15º domingo do Tempo Comum
16 de julho de 2000

INTRODUÇÃO

Alguém se torna profeta por um especial chamado e iniciativa de Deus, não por designação ou consagração dos homens. Está, portanto, livre de ligações humanas; é condicionado exclusivamente pela verdade e pela fidelidade a Deus, que o escolheu.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura Am 7,12-15

Embora aparentemente o reino de Israel parecesse estar num momento de muita prosperidade, tanto material como espiritual, o profeta Amós achava que não. Por quê?

Porque, por inspiração divina, percebia que a grande prosperidade tinha sido conseguida a custo de injustiças inaceitáveis. E onde tinham os ricos buscado seu progresso? Explorando os pobres, oprimindo e maltratando os humildes, falsificando as balanças e aumentando os preços a seu bel-prazer (cf. 8,4-6). Por isso, ergueu a sua voz com coragem, denunciando a opressão, a corrupção e o roubo.

Esse profeta é um exemplo para todos os que são chamados como mensageiros da palavra de Deus. É muito arriscado associar este anúncio a problemas de dinheiro. Quem recebe uma remuneração (como o falso profeta Amasias) nunca está completamente livre para falar a verdade, sempre estará inclinado a modificar a sua mensagem para torná-la agradável a quem o está pagando.

Podemos também nos sentir tentados a calar diante das injustiças por medo de causar desgosto aos amigos e criar-lhes problemas.

Foi por isso que Amós respondeu ao seu interlocutor: 'não mudarei a minha mensagem, pois não tenho um salário para me acobertar atrás dele!'

2ª leitura Ef 1,3-14

Estar livre do dinheiro não é o único preço a pagar para não comprometer-se. O que se requer do profeta é não confiar na própria capacidade nem em seu espírito de empreendimentos para se tornar 'mensagem'. A iniciativa é de Deus. É quem propõe o plano. Somos chamados a colaborar para a construção de uma história, em cujo termo está o encontro com o Pai.

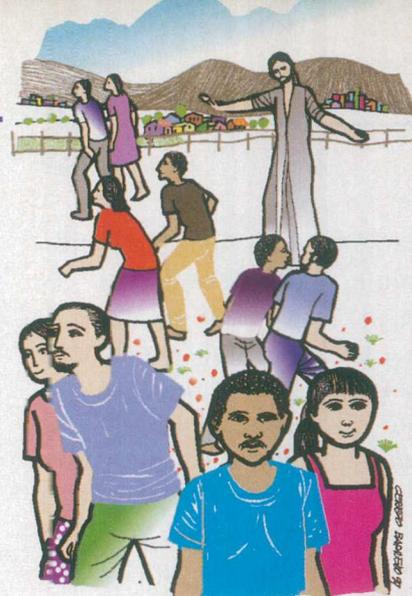
Antes da criação do mundo, ele pensou em nós. Decidiu que todos os homens formassem uma só pessoa com Cristo, que recebessem a sua vida divina e fossem de sua família. Deste modo, poderemos ser eternamente felizes com ele. A humanidade não está destinada, portanto, à ruína e à destruição, mas à felicidade sem fim.

Ao nosso redor, é verdade, surgem muitos acontecimentos dramáticos, até mesmo tragédias, há guerras, calamidades naturais, epidemias e infortúnios. Não obstante tudo isso, continuamos sempre manifestando nossa confiança em Deus, porque temos certeza de que ele está realizando o seu plano.

Evangelho Mc 6,7-13

No evangelho deste domingo, são apresentadas as normas ditas por Jesus para evitar que surja até mesmo a suspeita de seu apóstolo estar agindo por interesse pelos bens deste mundo.

Na primeira leitura, encontramos dois personagens: Amasias, o sacerdote de Betel, regamente remunerado,



e Amós, o pastor rude e pobre. Comparando os dois, o primeiro é o 'homem do momento', o homem de sucesso: é aclamado e respeitado, tem prestígio, e é amigo dos poderosos.

Não obstante, não deve ser alvo de inveja: tem tudo, mas não é livre; a qualquer momento pode ser chantageado pelo rei, que lhe dá o sustento..., mas do que também pode privá-lo. Amós é pobre, mas independente.

'Fobres para serem livres' poderia ser o lema que resume as condições de Jesus no evangelho para seus discípulos.

Os tempos mudaram, é verdade, as palavras de Jesus não devem ser tomadas ao pé da letra; entretanto as mesmas revelam a sua profunda preocupação em eliminar da mente dos seus discípulos a idéia de que a eficácia da missão depende da abundância dos recursos materiais.

Jesus não despreza os bens deste mundo, não apresenta a miséria como um ideal de vida, mas alerta para o perigo de nos deixarmos condicionar pela posse de bens materiais.

REFLEXÕES

Desfrutamos sempre de liberdade para falar toda a verdade os nossos cristãos e os nossos catequistas, nas nossas comunidades? O que os impede, às vezes, de manifestarem suas convicções e suas idéias? ■

SERVOS DO REBANHO, NÃO SENHORES DELE

16º domingo do Tempo Comum

23 de julho de 2000

INTRODUÇÃO

Os donos do poder têm uma grande tarefa a ser cumprida em prol dos próprios irmãos, mas também estão sujeitos à tentação de dispor dele para seus interesses pessoais. Jesus dá-nos preciosas lições sobre isso.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura Jr 23,1-6

O profeta Jeremias é chamado por Deus a desenvolver sua missão religiosa num período muito difícil.

O rei era corrupto. Em vez de interessar-se pelos pobres do seu povo, construía para si palácios esplêndidos. Não pagava os operários, praticava violências e abusos e permitia que nos tribunais fossem punidos os inocentes e absolvidos os culpados.

O profeta compara esse tipo de reis a pastores que, em vez de protegerem o rebanho que lhes foi confiado, conduzem-no à perdição: *Ai dos pastores que deixam perder-se e dispersar-se o rebanho miúdo de minha pastagem!* — *oráculo do Senhor*. Promete, então, ao povo que há de vir um rei sábio, um verdadeiro pastor, da família de Davi, que estabelecerá o direito e a justiça sobre toda a Terra.

O “pastor”, o filho de Davi prometido, nós o conhecemos: é Jesus de Nazaré.

Este pastor prometido não restabeleceu um reino deste mundo, não restituiu a prosperidade somente a uma nação, não subjugou os homens com a força das armas, mas transformou os corações. Por isso o seu reino de paz

e de justiça começou a espalhar-se por toda a parte e está destinado a perdurar para sempre.

De nossa parte, quando somos chamados a exercer alguma parcela de autoridade, talvez procedamos como “maus pastores”. Servimo-nos disso para garantir um espaço para nossas ambições, para impor nosso prestígio pessoal e não para servirmos de forma desinteressada aos nossos irmãos. Se é em nossa família, não sabemos dialogar, mas exigimos que todos se submetam às nossas ordens, como “maus pastores”.

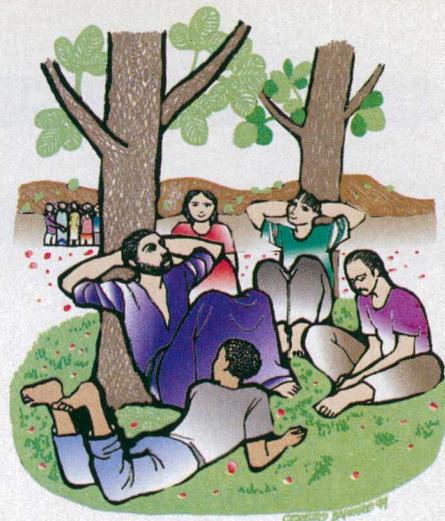
2ª leitura Ef 2,13-18

Jeremias não se tinha limitado a anunciar o futuro imediato, mas falara também daquilo que Deus realizaria em tempos mais remotos. Realizou-se essa profecia? Sim! Mas não da maneira que os homens esperavam. Deus até superou suas expectativas.

De fato, Deus por meio da cruz de Cristo, anulou toda a inimizade e divisão entre os homens. Naquele tempo era coisa normal a divisão e o ódio entre judeus e pagãos.

Mas o Senhor uniu os excluídos da aliança e das promessas — os pagãos convertidos — com os judeus convertidos e deles fez um novo povo, a Igreja. Acolher esta obra de Cristo significa anular qualquer sentimento de racismo ou de luta de classe, e reconhecer que a reconciliação com Deus passa pela reatamento da amizade entre os homens.

Há, é verdade, mil razões que explicam as nossas divisões: há barreiras constituídas por diferenças de nacionalidades, de raças, de educação, de mentalidades e de comportamento. Contudo, não obstante esses obstáculos, devemos estar em condições de mostrar ao mundo que o amor de Cristo consegue derrubar todos os muros que nos separam.



Evangelho Mc 6,30-34

Consideramos na primeira leitura que os chefes exploravam o povo, enquanto que Jesus e seus discípulos se dedicavam a ele de tal forma que não tinham tempo nem para comer.

A diferença de tratamento fica mais evidente com as palavras de Cristo: *Sabeis que os chefes das nações as subjugam, e que os grandes as governam com autoridade. Não seja assim entre vós. Todo aquele que quiser tornar-se grande entre vós, faça-se vosso servo. E o que quiser tornar-se entre vós o primeiro, faça-se vosso escravo. Assim como o Filho do homem veio, não para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate por uma multidão* (Mt 20,25-28).

Retomando a imagem do pastor, Marcos aponta Jesus como guia enviado por Deus. Diante da multidão desorientada, Jesus sente uma profunda compaixão. Em Israel havia muitos pastores: os escribas, os fariseus, os rabinos, os chefes políticos, o rei Herodes, mas eles não tinham palavras de vida, palavras de esperança, como Jesus.

REFLEXÃO

Temos os mesmos sentimentos que Jesus teve em relação aos homens de todos os tempos? Identificamo-nos com seu sofrimento? Aprendemos com o Mestre que não profere palavras agressivas, mas senta-se ao nosso lado e dialoga? ■

PARA QUE NINGUÉM MAIS SINTA FOME

17º domingo do Tempo Comum
30 de julho de 2000

INTRODUÇÃO

O mundo novo, inaugurado por Cristo ressuscitado, desponta somente quando renunciamos às nossas relações, fundadas no egoísmo e, em consequência, partilhamos os próprios bens.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura 2Rs 4,42-44

Esta primeira leitura e o trecho do evangelho de hoje, apresentam duas multiplicações de pães.

Se nos restringirmos ao aspecto milagroso desses episódios, correremos o risco de não conseguir entendê-los como "sinais". Perderemos o cerne da mensagem: o pão de um só torna-se alimento para todos.

Descreve-se o gesto generoso de um homem que, durante uma carestia, provocada pela escassez de chuvas, oferece a Eliseu 20 pães de cevada. O profeta não guarda para si o precioso alimento, mas convida o homem a distribuí-lo para as cem pessoas que se encontram junto dele... *e todos se serviram à vontade e ainda sobrou!*

Deus não multiplica os pães do nada. Mas abençoa o gesto generoso daquele homem que ofereceu o fruto do seu trabalho e ainda a decisão de Eliseu de partilhar o dom recebido com todos os que necessitavam dele.

Não será este também, para nossos dias, o caminho a ser seguido para resolver os problemas ao nosso redor?

2ª leitura Ef 4,1-6

Lemos na primeira leitura e no evangelho a mesma mensagem: o pão de um só torna-se alimento para todos.

Este também é o tema desta segunda leitura que conclama os membros das comunidades cristãs a uma vida harmoniosa e solidária, suportando-se mutuamente com amor, porque formamos um único corpo.

A unidade de uma comunidade ou de uma família não é fruto de simpatias ou o resultado do encontro e da satisfação dos próprios interesses egoístas.

Como todos os outros homens, poderíamos ter mil razões para ficarmos desunidos e vivermos brigando. Não somos iguais e, portanto, é natural que haja diferentes maneiras de pensar e de agir.

Foi Deus quem nos quis diferentes, uns dos outros. Aliás toda a natureza foi também criada assim. Não há duas folhas iguais numa mesma árvore!

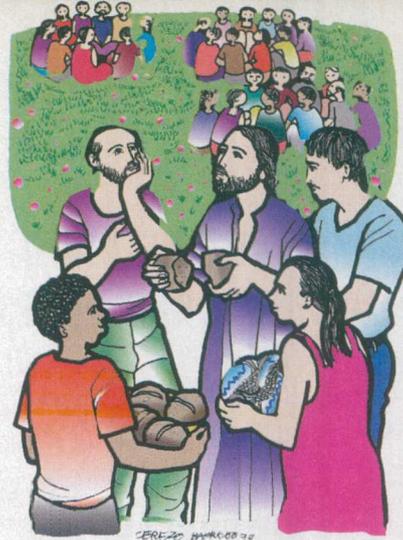
A diversidade, porém, não nos deve levar à inveja ou à discórdia, mas à ajuda recíproca, à colaboração. A unidade, porém, só poderá ser construída, partindo-se do princípio de que, juntos, constituiremos a única família dos filhos de Deus, num mesmo Espírito. Pelo nosso batismo, passamos a formar um único corpo, cuja cabeça é Cristo.

Eis a razão pela qual Paulo escreve que, na comunidade cristã, em nossa famílias, bem como em nosso ambiente de trabalho, cada um de nós tem sua função e um papel a desempenhar, a exemplo dos membros do corpo!

Evangelho Jo 6,1-15

Diante do povo com fome, Jesus poderia ter feito descer pão do céu. Podia, mas não quis. É que ele não favorece a preguiça dos homens. Quer a nossa participação.

João é o único evangelista a observar que foi um menino quem pôs à disposição de todos o pouco alimento que tinha.



O valor simbólico do pormenor é evidente: em muitas passagens do evangelho, a criança é apontada como modelo para os discípulos.

No dia em que abandonarmos nosso egoísmo e a ganância de possuir e guardar e aceitarmos a lógica da partilha, o milagre acontecerá.

Terá parecido ridícula a contribuição daquela criança, que oferecia cinco pães e dois pequenos peixes para saciar a fome de cinco mil pessoas! Se cada um, porém, fizesse a sua parte, não haveria necessitados em nossa comunidade, em nossa cidade.

Mais um detalhe nos registrou João para nossa meditação: os pães eram de cevada que era a comida dos pobres. Só os ricos podiam comprar pão de trigo. Aquele menino, portanto, devia ser de família de poucos recursos. Tanto maior valor teve sua oferta, pois deu tudo do pouco que tinha.

Como discípulos de Cristo, não poderemos partir o pão eucarístico, se não estivermos dispostos a partilhar com os irmãos também o pão material.

REFLEXÃO

Temos consciência de que Deus se preocupa com as nossas necessidades materiais, com nossa saúde física, com nossa fome? Compreendemos que ele não responde à nossa exigência de pão, operando milagres que nos dispensem de qualquer esforço e de qualquer colaboração? E nossa religiosidade se preocupa com quê? ■

FÉ EM DEUS E FÉ EM CRISTO

Transfiguração do Senhor

6 de agosto de 2000

INTRODUÇÃO

É necessário acreditarmos firmemente em Jesus, para concordar com o que ele propõe: seguir seus passos pelo caminho da cruz e pelo dom de nós próprios para chegarmos à transfiguração.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura Dn 7,9-10.13-14

Este texto do profeta Daniel tem características semelhantes às do Apocalipse de João. Seu estilo é o mesmo daquele livro: figuras e imagens, cuja compreensão não nos é imediata.

O Ancião era o título empregado para designar Deus soberano. A favor disso está a descrição de suas *vestes brancas como a neve*, denominação que para os israelitas significava o universo de Deus. Era também sinal de festa, de alegria, de felicidade. Dizia-se que os eleitos se vestiriam de roupas brancas que emitiriam centelhas como raios de sol!

O termo *filho do homem* já o conhecemos dos evangelhos. Para Daniel, porém, era um ser celeste que ele via sobre as nuvens.

Jesus corrigirá essa interpretação, esclarecendo que o filho do homem era ele próprio. De fato ele se rebaixou e o Pai o glorificou. Dessa maneira, Jesus anunciou um reino, ao mesmo tempo, celeste e terrestre.

2ª leitura 2Pd 1,16-19

Pedro nos conta o que foi para ele a Transfiguração de Jesus. Não se limita a uma informação do fato.

O acontecimento foi para ele uma confirmação do que os profetas haviam dito. Aceitar, pois, o testemunho dos profetas para conhecer a Cristo, não é fundamental sua fé sobre fábulas, mas sobre a palavra mesma de Deus.

Na Transfiguração, Jesus se manifestou a ele em todo o esplendor da vida divina que está nele.

Sua vida cristã, desde então, foi um processo de lenta transformação em Cristo até a transfiguração na imagem de Jesus glorioso.

Evangelho Mc 9,2-10

A narrativa da Transfiguração de Jesus é transmitida por Marcos com muitos símbolos, perfeitamente inteligíveis por suas comunidades. Nós, porém, de outra cultura e distantes daquela época, temos a necessidade de algumas explicações.

Jesus se retira para um *monte alto*, num lugar solitário. Na montanha, a Bíblia situa os grandes encontros com Deus, as grandes manifestações do Senhor aos homens. Moisés e Elias, os mesmos personagens que encontramos no evangelho de hoje, receberam a revelação do Senhor numa montanha. Mais do que um lugar físico, a montanha indica o momento da intimidade com Deus.

No texto paralelo a este, escrito por Lucas, registra-se que Moisés e Elias falavam com Jesus sobre o dom da vida que Ele estava para fazer (cf. Lc 9,31). Essa era a revelação perturbadora e desconcertante que Pedro e outros discípulos não queriam aceitar.

As *vestes brancas* eram símbolo do mundo de Deus e também sinal de festa, de alegria, de felicidade. As *tendas* que Pedro queria construir tinham também um significado importante. Em Israel celebrava-se, em todo o final de ano, como encerramento das colheitas, uma grande festa que se prolongava



por uma semana inteira e que era conhecida como a "festa das tendas". O povo construía tendas para recordar os anos transcorridos por seus antepassados no deserto. Lembrava também que na época do Messias haveria uma permanente "festa das tendas".

Pedro se referia a esse sentido simbólico, quando pediu a Jesus para edificar ali três tendas. Pensava que seria possível entrar no reino de Deus sem, antes, passar pelo dom da vida.

A *nuvem* e a *sombra* são imagens muito comuns no Antigo Testamento para sinalizar a presença de Deus.

Os discípulos foram descobrindo devagar, com dificuldade e de forma progressiva, esse aspecto sofrido do Messias. Ainda mais: mesmo depois de todos os ensinamentos e de todas as explicações do Mestre, nunca teriam conseguido entender o projeto de Deus, sem a luz da Páscoa, sem que Jesus ressuscitasse dos mortos.

Também nós podemos nos iludir e pensar que a peregrinação por este mundo (no qual passamos por tantas dores, por tantas contrariedades, e injustiças), para a felicidade que está por vir, possa acontecer sem problemas, sem o sacrifício e o dom da própria vida.

REFLEXÃO

Vivenciamos o caminho da cruz? Doamo-nos aos irmãos na comunidade, em casa e no trabalho? Estamos dispostos a nos sacrificar pelos irmãos, a exemplo de Jesus? ■

A PALAVRA DE JESUS, PÃO DA VIDA

19º domingo do Tempo Comum
13 de agosto de 2000

INTRODUÇÃO

“**B**asta, eu não agüento mais!” De nossos lábios já não escaparam palavras semelhantes às do profeta Elias? A esperança nos será comunicada pelo pão da palavra de Deus. Na oração.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura 1Rs 19,4-8

Lemos na Bíblia que Deus não abandona o seu profeta; está ao seu lado, proporciona-lhe o alimento que lhe dá vigor, porém — observe-se isto com cuidado — não o exime da provação, não o dispensa da dura caminhada.

Elias deve impreterivelmente atravessar o deserto e enfrentar os perigos e as dificuldades.

Também a nós não nos dispensa das tarefas, não toma o nosso lugar; quando cansados, não nos carrega nas costas. Aponta-nos sim o caminho a ser percorrido e não nos deixa faltar o pão que nos renova as forças.

Além do pão eucarístico, há um outro alimento que, em qualquer circunstância da vida, pode comunicar-nos forças e infundir-nos coragem: a palavra de Deus.

2ª leitura Ef 4,30—5,2

Pouco adianta receber o Corpo de Cristo, se entristecermos o Espírito Santo, em nossas casas, rompendo a unidade.

Nossa missão é a de ajudar na construção da Igreja e não, na desagregação dela.

Ora a unidade é fruto do sacrifício pessoal de cada um de nós. Por isso, Paulo desce a minúcias e descreve a destruição causada pelo descontrole das palavras: *Toda a amargura, exaltação, cólera, toda a palavra pesada e injuriosa, assim como toda a malícia, sejam afastadas dentre vós* (v. 31).

Os vícios mais comuns são: a rispidez, encontrada naqueles que estão sempre nervosos e agastados, descarregando sobre os outros a culpa pelas próprias frustrações; a ira, que diz respeito às reações acintosas que procedem daquelas pessoas que alimentam no próprio coração rancores e desejos de vingança; a gritaria que é a reclamação que se faz presente durante as rixas, as discussões violentas e as desavenças.

A cordialidade, a afabilidade e sobretudo a inspiração na misericórdia, a exemplo do Senhor, devem fazer parte de nosso ideal de relacionamento. Eis como ele se apresenta: *Javé, Javé, Deus compassivo e misericordioso, lento para a cólera, rico em bondade e em fidelidade* (Ex 34,6).

Evangelho Jo 6,41-51

Os judeus “murmuram”, isto é, recusam-se a aceitar que um homem possa tornar Deus presente. Estão convencidos de que o Onipotente tem o seu trono nos céus, distante do mundo e que manifesta a sua majestade e o seu poder por meio de fenômenos grandiosos: relâmpagos, trovões, terremotos...

Jesus concorda em que jamais alguém viu o Pai (v.46), mas afirma que ninguém poderá chegar ao Pai se não passar por ele. É preciso observar o que ele faz, com quem anda, a quem repreende, a quem defende, de quem se aproxima, a quem acaricia, por quem se deixa tocar, por quem se deixa beijar... pois os seus gestos, as suas escolhas, as suas preferências são as mesmas de Deus.



Então só nos resta perguntar a nós mesmos: deixamo-nos iluminar pela palavra de Deus, ou então, como os judeus do tempo de Jesus, recusamos o “pão do céu”? Continuamos aferrados às nossas idéias e às imagens deformadas que temos de Deus, às tradições e práticas religiosas ultrapassadas e inúteis?

No evangelho de João, a expressão “carne” não se identifica com os músculos. No conceito semítico indica a parte fraca, frágil, transitória da pessoa. Significa o ser humano enquanto destinado à morte. Diante da infidelidade dos homens, Deus sente compaixão, porque “se lembra que eles são carne, um sopro que vai e não volta” (Sl 78,39). “Comer” este Deus feito “carne” quer dizer que por meio do “filho do carpinteiro” passa a mais perfeita revelação de Deus, significa acolher a sabedoria vinda do céu, mesmo que a vejamos revestida de “carne”, isto é, de todos os elementos que caracterizam a fraqueza humana.

Ainda não se fala da eucaristia. Jesus refere-se à sua mensagem, que os homens devem assimilar como pão, até se tornar parte deles.

REFLEXÃO

O que fazemos, quando nos sentimos em dificuldades ou angustiados pelo que acontece ao nosso redor? Esquecemo-nos de que a verdadeira luz, o conforto, a energia, a esperança nos são comunicados pelo pão da Palavra? ■

LEITURAS LITÚRGICAS PARA OS DIAS DE SEMANA DE AGOSTO

17ª SEMANA DO TEMPO COMUM

1ª - terça: Jr 14,17-22 = Pela honra do vosso nome, salvai-nos, Senhor! Sl 78. Mt 13,36-43 = Explicação da parábola do trigo e do joio.

2 - quarta: Jr 15,10.16-21 = Vossa palavra constitui a minha alegria. Sl 58. Mt 13,44-46 = Tesouro escondido; pérola preciosa.

3 - quinta: Jr 18,1-6 = Na mão de Deus, como argila na mão do oleiro. Sl 145. Mt 13,47-53 = Parábola da rede de pesca: separação dos bons e dos maus.

4 - sexta: Jr 26,1-9 = Conflito entre Jeremias, as autoridades e o povo. Sl 68,5-14. Mt 13,54-58 = Jesus desprezado em Nazaré.

5 - sábado: Jr 26,11-16.24 = Jeremias, em nome de Deus, enfrenta a multidão. Sl 68,15-34. Mt 14,1-12 = Assassínio de João Batista.

16 - quarta: Ez 9,1-7;10,18-22 = A glória de Deus vai abandonar o templo. Sl 112. Mt 13,15-20 = Correção fraternal: oração comunitária.

17 - quinta: Ez 12,1-12 = Esgaço do emigrante, símbolo da deportação que virá. Sl 77. Mt 18,21— 19,1 = Parábola do servo cruel.

18 - sexta: Ez 16,1-15.60.63 = A esposa fiel. Cânt.: Is 12,2-6. Mt 19,3-12 = Contra o divórcio.

19 - sábado: Ez 18,1-10.13b.30-32 = Responsabilidade: cada um responderá por si. Sl 50. Mt 19,13-15 = Jesus e as crianças.

18ª SEMANA DO TEMPO COMUM

7 - segunda: Jr 28,1-7 = Conflito entre Jeremias e o falso profeta Ananias. Sl 118. Mt 14,13-21 = Primeira multiplicação dos pães.

8 - terça: Jr 30,1-2.12-15.18-22 = Somente Deus curará seu povo. Sl 101. Mt 14,22-36 = Jesus anda em cima da água; Pedro vacila.

9 - quarta: Jr 31,1-7 = Eu te amo com amor eterno. Cânt.: Jr 31,10-12a.13. Mt 15,21-28 = Mãe cananéia implora a cura da filha: exemplo de fé!

10 - quinta: S. Lourenço, Diácono. 2Cor 9,6-10 = Deus ama o que dá com alegria. Sl 111. Jo 12,24-26 = "Eu sou a ressurreição e a vida!"

11 - sexta: Sta. Clara. Na 2,1.3; 3,1-3.6-7 = Mensageiro da boa nova. Cânt.: Dt 32,35-41. Mt 16,24-28 = Muitos não verão a morte!

12 - sábado: Hab 1,12-2,4 = Vou espreitar o que me dirá o Senhor. Sl 9. Mt 17,14-20 = Cura do menino epilético.

20ª SEMANA DO TEMPO COMUM

21 - segunda: Ez 24,15-24 = Morte da esposa; não deplorar a ruína de Jerusalém. Cânt.: Dt 32,1-8-21. Mt 19,16-22 = O jovem rico; dá o que tens, vem e segue-me.

22 - terça: Nossa Senhora Rainha. Is 9,1-6 = O povo viu uma grande luz! Sl 112. Lc 1,26-38 = "Eis aqui a serva do Senhor!"

23 - quarta: Sta. Rosa de Lima. 2Cor 10,17— 11,2 = Quem se gloria, glorie-se no Senhor! Sl 148,1-14. Mt 13,44-46 = O Reino dos céus é semelhante a um tesouro, a uma pérola.

24 - quinta: S. Bartolomeu, Apóstolo. Ap 21,9b-14 = A esposa do Cordeiro. Sl 144,10-18. Jo 1,45-51 = Os primeiros discípulos.

25 - sexta: Ez 37,1-14 = O Espírito reanimará os ossos ressequidos. Sl 106. Mt 22,34-40 = O grande mandamento: amar a Deus e ao próximo.

26 - sábado: Ez 43,1-7a = A glória de Deus enche novamente o templo. Sl 84. Mt 23,1-12 = Ouvir, mas não imitar os fariseus.

21ª SEMANA DO TEMPO COMUM

28 - segunda: 2Ts 1,1-5.11b-12 = Deus vos faça dignos da vossa vocação. Sl 95. Mt 23,1-3-22 = Pregai o dízimo, mas, por dentro, estais imundos.

29 - terça: Martírio de S. João Batista. Jr 1,17-19 = Estou contigo! Sl 70. Mc 6,17-29 = Execução de João Batista.

30 - quarta: 2Ts 3,6-10.16-18 = Conselhos diversos: oração e trabalho. Sl 127. Mt 23,27-32 = Escrivas e fariseus: sepulcros caiados, assassinos dos profetas!

31 - quinta: 1Cor 1,1-9 = Saudação da carta e ação de graças. Sl 144,2-7. Mt 24,42-51 = Exortação à vigilância.

19ª SEMANA DO TEMPO COMUM

14 - segunda: Ez 1,2-5.24-28c = Visão do carro divino — a glória de Deus. Sl 148. Mt 17,22-27 = Segundo anúncio da paixão; Jesus paga o imposto.

15 - terça: Ez 2,8— 3,4 = Missão amarga do profeta. Sl 118. Mt 18,1-5.10.12-14 = Questão de vaidade; a ovelha perdida.

Atos dos Apóstolos

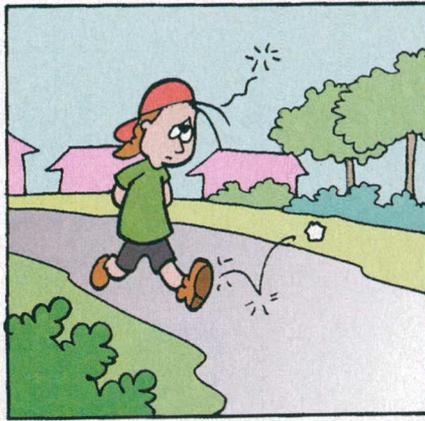
A Igreja está unida a seu fundador, que a teologia chama de União Mística. A Igreja transmite a vida de Cristo. Recebe a vida e a força da presença contínua de Jesus. Considerando as condições sociais, econômicas, culturais, "tecnológicas"... dos primeiros trinta anos após a Ressurreição, época em que surgiram as comunidades cristãs, fica claro que a expansão do Cristianismo, aparentemente obra humana, só se realizou por um impulso maior; o desejo do Pai, a Missão do Filho e a força do Espírito Santo.

Com nomes de cidades, regiões, povos,... o livro dos Atos nos mostra uma parte das regiões que Pedro e Paulo teriam evangelizado de Jerusalém a Roma.

Encontre os lugares pedidos nos versículos indicados abaixo. Estão em ordem alfabética. Todos são da época. Alguns existem ainda e outros desapareceram ou mudaram de nome. Os textos foram extraídos da Bíblia da Ave Maria.

A _____ (18,12) Província ao sul da Grécia.
A _____ (27,2) Porto ao norte da Ásia.
A _____ (18,24) Cidade ao norte do Egito.
A _____ (17,1) Cidade ao sudeste da Macedônia.
A _____ (11,19) Cidade a oeste da Síria.
A _____ (13,14) Cidade ao norte da Pisídia.
A _____ (23,31) Cidade entre Judéia e Samaria.
A _____ (17,1) Cidade ao sudeste da Macedônia.
A _____ (2,9) Província romana na península da Ásia Menor.
A _____ (20,14) Província a oeste da Missia.
A _____ (14,25) Porto ao sul da Panfília.
A _____ (17,15) Cidade a sudeste da Grécia.
A _____ (8,40) Azoto - Cidade a oeste da Judéia.
B _____ (17,10) Cidade no sul da Macedônia.
B _____ (16,7) Região na costa sul do Mar Negro.
B _____ (27,8) Baía ao sul da Creta.
C _____ (2,9) Região ao norte da Síria.
C _____ (27,16) Ilha ao sul da ilha de Creta.
C _____ (18,18) Porto de Corinto.
C _____ (9,30) Cidade no centro da Capadócia.
C _____ (11,19) Ilha a oeste do Mediterrâneo.
C _____ (15,23) Região ao sul da Ásia.
C _____ (2,15) Província ao norte da África. (Hoje, Líbia)
C _____ (27,7) Cidade em frente a Cós.
C _____ (18,1) Cidade no centro-sul da Grécia.
C _____ (21,1) Ilha a sudeste do Mar Egeu.
C _____ (27,8) Ilha ao sul da Grécia.
D _____ (9,2) Cidade ao sul da Síria.
D _____ (14,6) Cidade a leste da Licaônia.
E _____ (18,19) Principal porto da Ásia.
E _____ (2,10) País ao nordeste da África.
E _____ (8,27) País ao sul de Egito. (Hoje, Sudão).
F _____ (27,12) Porto ao sul da ilha de Creta.
F _____ (11,19) Costa leste do Mediterrâneo.
F _____ (16,12) Cidade a sudeste da Macedônia.
F _____ (2,10) Região no centro da Ásia.
G _____ (16,6) Província romana ao norte da Ásia.
G _____ (1,11) Região ao norte da Palestina.
G _____ (8,26) Cidade a sudoeste da Judéia.
G _____ (20,2) País a sudeste da Itália.
I _____ (14,1) Cidade a nordeste da Licaônia.
I _____ (18,2) País na península itálica.
J _____ (1,12) Centro da evangelização cristã.

J _____ (9,38) Porto da Palestina ao norte de Jerusalém.
J _____ (2,9) Província ao sul da Palestina.
L _____ (27,8) Cidade ao sul de Creta.
L _____ (2,10) Região ao norte da África.
L _____ (14,6) Região ao sul da Ásia.
L _____ (27,5) Província ao sul da Ásia.
L _____ (9,32) Cidade a noroeste da Judéia.
L _____ (14,8) Cidade a nordeste da Licaônia.
M _____ (16,10) Província ao norte da Grécia.
M _____ (28,1) Ilha ao sul da Sicília.
M _____ (2,9) Região entre os rios Tigre-Eufrates.
M _____ (20,15) Porto a oeste da Ásia.
M _____ (27,6) Cidade a sudeste da Lícia.
M _____ (16,7) Região a noroeste da Ásia.
M _____ (20,14) Cidade na ilha de Lesbos, a leste do Egeu.
N _____ (16,11) Porto da Macedônia, ao norte mar Egeu.
P _____ (13,6) Cidade a sudoeste de Chipre.
P _____ (2,10) Região ao sul da Ásia.
P _____ (21,1) Porto na Lícia.
P _____ (13,13) Cidade na Panfília.
P _____ (13,14) Região da Ásia ao norte da Lícia.
P _____ (2,9) Região na costa sul do Mar Negro.
P _____ (28,13) Província romana. (Hoje, norte de Nápol.).
P _____ (21,7) Porto da Palestina, região da Fenícia.
Q _____ (20,15) Ilha no Mar Egeu, costa oeste da Ásia.
R _____ (28,13) Porto ao sul da Itália.
R _____ (21,1) Ilha a nordeste de Creta.
R _____ (18,2) Centro do Império Romano.
S _____ (13,5) Porto a leste de Chipre.
S _____ (27,8) Cabo na ilha de Creta.
S _____ (8,5) Cidade e distrito ao norte da Judéia.
S _____ (20,15) Ilha no Mar Egeu ao norte da ilha de Patmos.
S _____ (16,11) Ilha no Mar Egeu, ao sul da Trácia.
S _____ (9,35) Planície central costeira palestina.
S _____ (13,4) Porto de Antioquia, Síria.
S _____ (12,20) Cidade fenícia ao norte de Tiro.
S _____ (28,12) Cidade na costa leste da Sicília.
S _____ (14,26) Região ao norte da Palestina.
S _____ (27,17) Golfo da Líbia.
T _____ (9,30) Cidade a leste da Cilícia.
T _____ (17,1) Capital da Macedônia.
T _____ (12,20) Ilha, cidade e porto da Fenícia. (Hoje, Sur)
T _____ (16,8) Cidade na Missia, ao norte de Assos.



E EM SEGUNDO LUGAR, A SIMPATIA DE TODOS! TENHO GANHADO CADA VEZ MAIS AMIGOS ...



NAS HORAS DIFÍCIS NÃO ME SINTO SOZINHO...

EU VOJ CONSEGUIR...



SEMPRE POSSO SENTIR A PROTEÇÃO DE DEUS E TUDO FICA MAIS BONITO E MENOS COMPLICADO!



CLARO! AGORA EU ACHO QUE VOCE ENTENDEU "QUEM É TROUXA".

HA HA HA HA



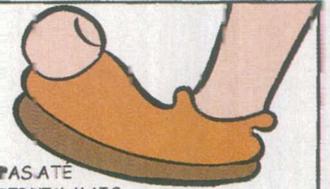
FINO



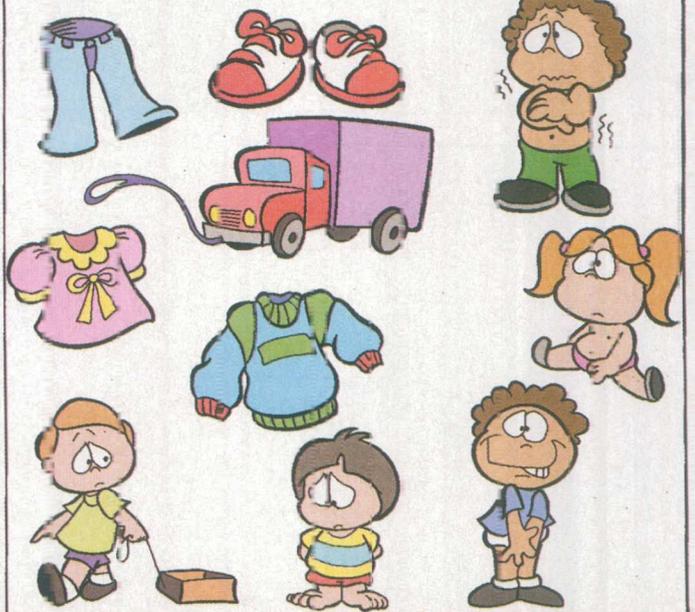
Como é bom ajudar!

Neste mundo onde tantos precisam de tantas coisas, carinho, amor, ou uma palavra amiga, não deve haver lugar para dúvidas, nem vergonha de ser bom... Como é gostoso enxergar cada pessoa como um novo amigo; sorrir e desejar o bem! Como é bom estender a mão àquele que chora... Repartir o pão, amparar, aliviar a dor de alguém! Ha tantos e tantos motivos para amar!

O DEDÃO DO BABO



OLHA SÓ O DEDÃO DO BABO! ELE SEMPRE USA SEUS SAPATOS E ROUPAS. ATÉ ACABAREM AS ROUPAS QUE NÃO LHE SERVEM MAIS, ELE DOA PARA AS PESSOAS QUE PRECISAM. LIGUE CADA CRIANÇA ÀQUEL QUE ELA ESTÁ PRECISANDO!



VAMOS LER ESTAS DUAS HISTÓRIAS ?

História 1



CI!OUHA! ESSA BLUSA E ESSE TÊNIS NÃO SERVEM MAIS EM MIM, MAS AINDA ESTÃO MUITO BONS! VOCE QUER FICAR COM ELAS ?

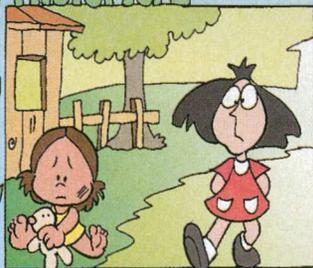
CLARO! OBRIGADO!



OBRIGADO SENHOR, POR DAR-ME A OPORTUNIDADE DE AJUDAR ALGUÉM...



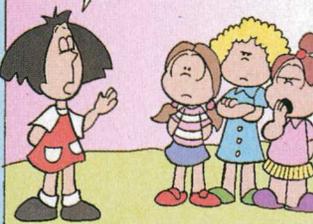
História 2



EI MENINA! TOME ESSAS BONECAS FEIAS QUE A MINHA MÃE COMPROU! EU JÁ TENHO MUITAS... SOU MUITO RICA, SABE!



... ENTÃO EU VÍ A MENINA POBRE E, COMO SOU MUITO BOA, DEÍ AS BONECAS PRA ELA!



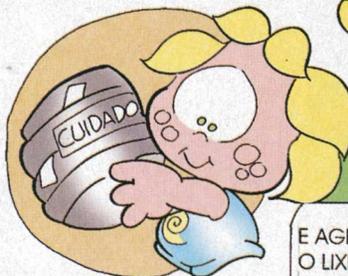
De que história você gostou mais ?

Por que ?

COMO AJUDAR O LIXEIRO

MANTENHA SEU LIXO FORA DO ALCANCE DOS CÃES.

SEPARE E EMBRULHE BEM OBJETOS CORTANTES COMO FACAS, VIDROS, AGULHAS E ESCREVA CUIDADO.



AMARRE E FECHÉ BEM OS SACOS DE LIXO



E AGRADEÇA E DEFENDA SEMPRE O LIXEIRO PORQUE GRAÇAS A ELE NOSSA CIDADE PODE FICAR LIVRE DAS DOENÇAS QUE O LIXO TRAZI!



Pacaembu

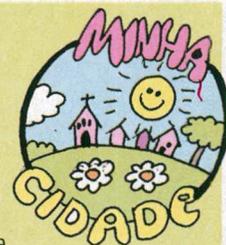
A cidade onde moro

Pacaembu localiza-se a Oeste do Estado de São Paulo. É cognominada "cidade paraíso". A praça do relógio, recentemente remodelada, é um verdadeiro cartão postal, ponto dos grandes eventos. No alto da colina, encontra-se a Igreja Matriz "Nossa Senhora das Graças" que acolhe os fiéis para louvar ao Senhor pelas bênçãos recebidas. O povo pacaembuense é muito receptivo e hospitaleiro. Por ocasião do aniversário da cidade, festa do rodeio, Santos Reis, cresce o número dos visitantes. Venha conhecer esse "pedacinho do céu, na Terra".



Paróquia "Nossa Senhora das Graças".

Clarice Mariana Elias do Amaral, 15 anos. Av. José Galdino dos Santos, 1100 - CEP 17860-000. Pacaembu - SP



Cantinho do Coração

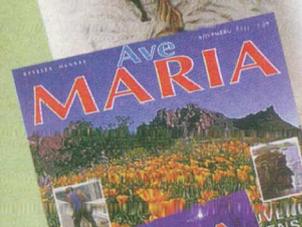
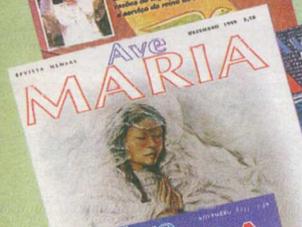
Maira de Oliveira
R. Eugênio Dorigan, 115
Jd. Silmara - Amparo - SP
CEP 13900-000

Valdiomar Florêncio de Souza
R. Maria Cecília Matos de Moraes, 225
B - Chácara Nazaré II - Piracicaba
CEP 13402-315 SP

Amiguinho: não esqueça de colocar sua idade !

Escreva pra turma!

TURMA ECO-ÍRIS. Rua Aníbal de Almeida Pessoa, 83
Aldeia de Barueri, Barueri, SP - CEP 06440-250.



revista AVE MARIA

**PRIMEIRA REVISTA CATÓLICA
MARIANA DO BRASIL**

A revista **AVE MARIA** foi criada para ser uma homenagem a Nossa Senhora. Por isso, durante um século ela manteve — e continuará mantendo — um compromisso com o evangelho de anunciar a justiça, o direito, a verdade, o amor e a paz.

Divulgue você também essa mensagem.

Você já pensou em dar de presente uma assinatura da **AVE MARIA** a um parente, amigo, vizinho, ou a alguém que você estima? São só R\$ 20,00. O(A) novo(a) assinante receberá uma revista que fortalece a fé, leva conforto espiritual, traz a palavra do Papa, notícias da Igreja, conta a história dos santos, etc. Você sentirá a satisfação de divulgar mensagens cristãs e marianas.

Todos os meses, você será lembrado(a) com admiração e alegria. É muito fácil e simples fazer sua assinatura: de qualquer parte do Brasil é só telefonar, grátis, para **0800-55-5021** ou **(0 -- 11) 3666-2128**.

Ave MARIA

REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898
RUA MARTIM FRANCISCO, 656 TELS. (011) 3666-2128/3666-2129
CAIXA POSTAL 1205 CEP 01059-970 SÃO PAULO, SP

Cobrança Bancária

A cobrança bancária já está disponível. Está sendo enviada para aquelas cidades que não são visitadas por nossos cobradores.

Informamos aos assinantes em atraso com suas anuidades que, em breve, estarão recebendo correspondência contendo boletos para atualização de seu cadastro.